

PENA DOURADA



José Luiz da Luz
Ilustração por
computação gráfica do autor.

Copyright©José Luiz da Luz.

Editora Per Se
<http://perse.doneit.com.br/default.aspx>
e-mail do autor: joseluizdaluz@gmail.com
www.joseluizdaluz.webnode.com.br

2018

Terceira Edição

Editor: José Luiz da Luz
Produção gráfica: Editora
Ilustração por computação gráfica do autor

É proibida a reprodução total ou parcial do texto
e de todo o conteúdo sem autorização. Entre em
contato com o autor pelo email.

Sumário

<i>Introdução</i>	04
<i>Capítulo I. Os astros</i>	05
<i>Capítulo II. As aparências</i>	10
<i>Capítulo III. Um imenso jardim a construir</i>	12
<i>Capítulo IV. Um estranho vulto na mata</i>	13
<i>Capítulo V. Flores injustiçadas</i>	17
<i>Capítulo VI. Voar</i>	19
<i>Capítulo VII. As abelhas e a pedra</i>	22
<i>Capítulo VIII. A prova da cegueira do Peninha</i>	26
<i>Capítulo IX. Os dons</i>	30
<i>Capítulo X. Mundos Invisíveis</i>	32
<i>Capítulo XI. Ser Invisível</i>	35
<i>Capítulo XII. Boas atitudes, bom coração</i>	36
<i>Capítulo XIII. Colônia das Crianças.</i>	38
<i>Capítulo XIV. O Perigo das nuvens</i>	44
<i>Capítulo XV. O Lar do Jardim e a Fadinha Princesinha</i>	48
<i>Capítulo XVI. O Mentiroso do Cometa Rastros</i>	58
<i>Capítulo XVII. A Bolha</i>	64
<i>Capítulo XVIII. A Escada de Sofia</i>	68
<i>Capítulo XIX. Como era a visão de Peninha?</i>	72
<i>Capítulo XX. Flores simples, as amigas de Peninha</i>	73
<i>Capítulo XXI. A caverna escura</i>	74
<i>Capítulo XXII. O casulo no pé de laranja lima</i>	78
<i>Capítulo XXIII. O voo para as alturas</i>	80
<i>Capítulo XXIV. O Peninha nas Alturas</i>	85
<i>Capítulo XXV. O Despertar na Relva</i>	89

Introdução

Dedico este livro a todas as crianças, mas, peço permissão às crianças, para também dedicar a uma menininha de dois anos que foi embora: o nome dela é Nelci Terezinha. A última vez que a vi, estava sorrindo nos braços de um anjinho, depois, desapareceu dentro de uma nuvem branca.

Peço desculpas aos leitores pelas minhas ilustrações, pois eu nunca fiz nenhum curso de desenho, ilustrações nem de computação gráfica. Sei que um profissional faria um ótimo trabalho, mas resolvi fazer eu mesmo porque amo demais meu amigo Pena Dourada. Cada ilustração foi feita com muita dificuldade, alguns dias cheguei perto da exaustão, apaguei e refiz muitas vezes... mas, sempre é gratificante trabalhar para a alegria dos outros.

Capítulo I

Os astros

Os astros do céu sempre despertaram o interesse das pessoas. Há séculos que os homens olham para o céu e se perguntam: por que existem, como surgiram, quem os fez, há crianças por lá? Mas, mesmo diante de tanta admiração, são as crianças que ficam mais fascinadas por tantos mistérios.



As pessoas, antigamente, se pareciam mais com as crianças. Olhavam para o céu e imaginavam que os astros formavam desenhos, como por exemplo: uma mulher, um guerreiro, um touro, um dragão, um carneiro, um peixe.

Sempre que eu olho para o céu, lembro meus tempos de criança numa fazenda muito distante, num lugar quase deserto.



Naquele tempo eu imaginava que as estrelas eram pequeninas janelinhas abertas, todas brilhando e dançando no céu.

A Lua eu imaginava que era uma imensa bola de algodão doce. Era tão bom ser criança, tudo era doce e brilhante.

É pena que muitos crescem e esquecem o valor das crianças.



Aos poucos, com o progresso na escola, fui descobrindo o que eram realmente aquelas bolinhas que brilhavam no céu.

Eu sofria muito para estudar, pois tinha que andar muitos quilômetros no meio da mata até o ponto do ônibus.

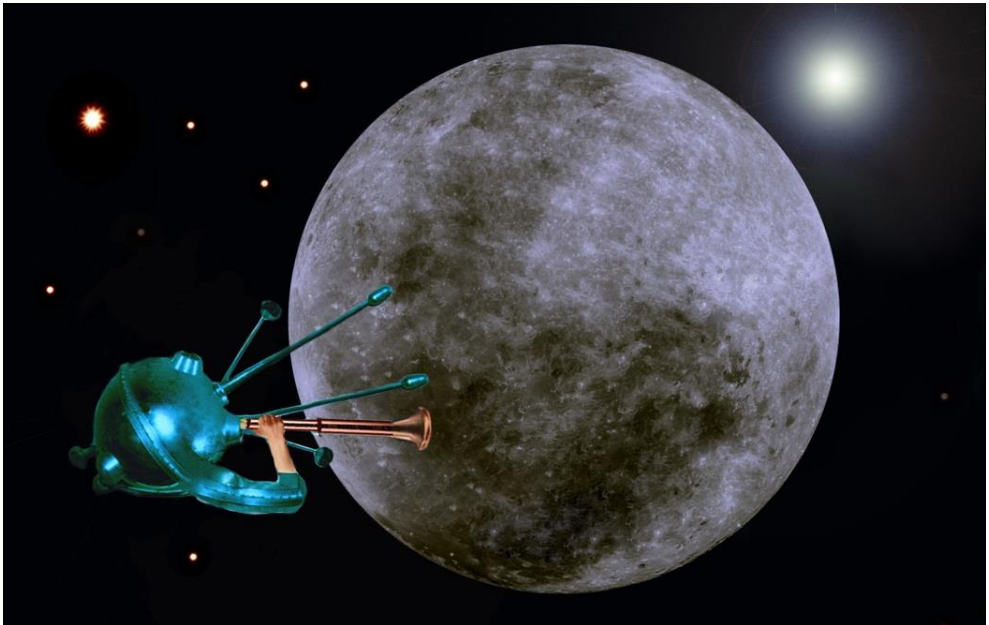
Cada vez que descobria uma verdade, era uma grande decepção para mim, pois, via pouco a pouco, todas as minhas ilusões se desfazerem.

Era difícil aceitar as coisas como eram de verdade, nem sempre a verdade é como pensamos ou queremos, mas temos que aceitar.

Com lágrimas nos olhos, descobri que as estrelas não eram janelinhas abertas e, sim, astros iguais ao nosso Sol. Feitos de gases que queimam sem parar. Parecem pequenas bolinhas brilhantes, porque estão longe demais do nosso planeta Terra.



Minha maior surpresa foi quando a professora que eu mais amava trouxe algumas fotos da Lua. Foram as mais deslumbrantes e nítidas que tinha visto, tiradas por um aparelho que, mais tarde, soube que se chamava Sonda Soviética Luna 2.

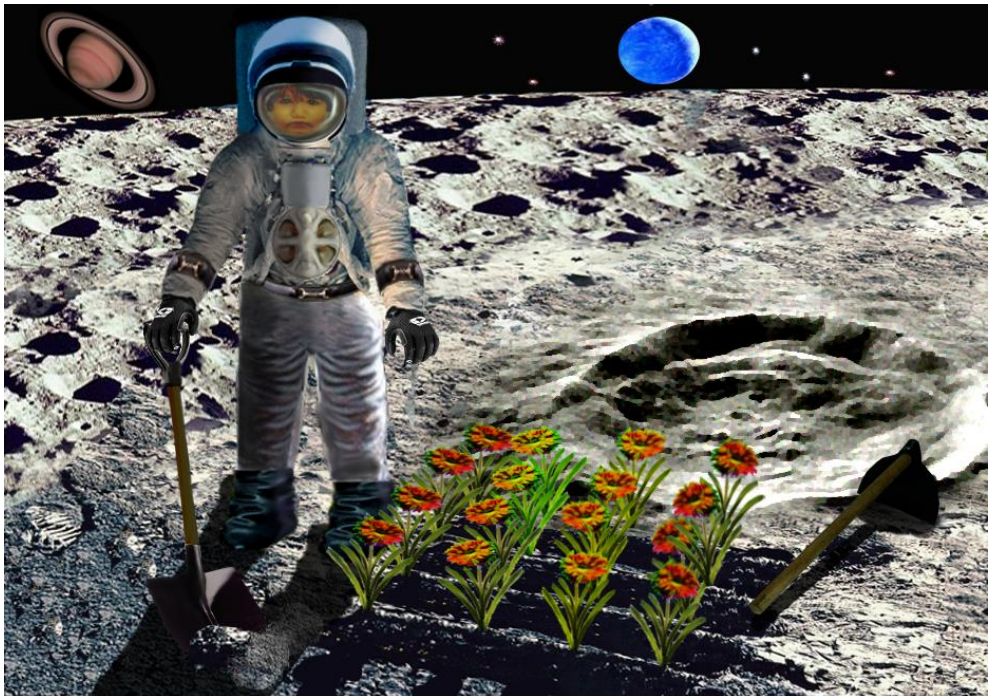


Ao ver aquela foto, fiquei tão assustado e nada consegui dizer. Estava ali, bem diante dos meus olhos, uma Lua diferente da que eu sempre imaginei. Era apenas uma grande bola feita de rochas, poeiras, etc., toda deserta e cheia de buracos. Logo aprendi que os buracos se chamam crateras. Não havia nem uma só árvore, um pequeno pássaro, uma minúscula borboleta ou uma simples e pequenina flor do campo. Tudo era triste e deserto.

Fiquei envergonhado, pois antes de saber a verdade, tinha falado para os meus amiguinhos que a Lua era uma bola de algodão doce. Chorei muito, não queria que pensassem que eu era um mentiroso. A Lua deixou de ser doce e passou a ser apenas uma enorme pedra, deserta e triste.

Demorei muito para aceitar aquela terrível verdade, até que, aos poucos, comecei a me sentir orgulhoso por ter aquele conhecimento. A verdade, então, começou a ser uma coisa boa para mim. Foi aí que fiz os primeiros planos para minha vida. Explicava orgulhoso para todos os meus amiguinhos:

— Eu já vi as fotos da Lua tiradas pela Sonda Soviética Luna 2. Sei que é uma grande bola de rochas, deserta e triste... Quando crescer, vou estudar para ser um astronauta, quero viajar até a Lua, também a outros planetas, para construir lindos jardins. Onde houver deserto e tristeza, quero



levar vida e alegria.

Meus amigos mais novos ficavam fascinados com meus planos.

Imaginavam a Lua e muitos planetas desertos, todos cobertos por imensos jardins e centenas de pássaros e borboletas coloridos. Os mais velhos, porém, zombavam de mim. Eu não conseguia saber o porquê. Só depois de muito tempo, um velho astrônomo, professor dos alunos mais velhos, me explicou:



— Minha criança, estás ainda aprendendo as coisas do mundo, deixa eu te ensinar! Enquanto não conheces a verdade, a única coisa que te resta é imaginar! Não sonhes tanto, não sonhes assim! A Lua não é um lugar para se plantar nada. Ora é quente demais, ora fria demais, a única coisa bela é o seu luar. Os outros planetas são muito diferentes da Terra, nenhuma flor iria gostar de ser plantada neles. Acho melhor pensares em plantar tuas flores aqui mesmo na Terra.

Eu acreditei que os meus sonhos eram impossíveis, só porque me disseram que eram impossíveis.

Um dia, um caboclo contou que um homem mau convenceu as galinhas de que elas não poderiam voar, então elas acreditaram nisso e, mesmo tendo asas, só voam baixinho e com muita dificuldade. Por outro lado, um homem bom convenceu as formigas de que elas poderiam voar, então,



criaram asas e conheceram as alturas. Certamente, um dia haverá um astronauta que acreditará nos seus sonhos e desenvolverá uma planta que possa viver na Lua e em outros mundos. Então, todos o respeitarão: “Ah, como ele é sábio.” Quem acredita nos próprios sonhos, sempre consegue ir mais longe.

Confundia-me muito o fato de ler nos livros, lindas histórias de princesas que dormem sonhando com o príncipe, espelhos mágicos que respondem perguntas, vassouras que voam, e não poder ter os meus próprios sonhos.

Foi triste descobrir que as pessoas gostam de comprar os sonhos, mas muitas vezes, não deixam que as crianças tenham seus próprios sonhos.

Por causa das muitas repreensões e decepções, passei a ter medo de sonhar. Procurei nunca mais sonhar e só pensar em coisas que fossem reais.

Fiquei parecido com as galinhas que têm asas e vivem andando pelo chão, parece que estão com as asas amarradas.

A única coisa em que não me repreenderam, foi o meu amor pelas flores, talvez pensassem: “as flores são reais, nascem em qualquer lugar, então, pode amá-las à vontade.” A grande dor da minha infância foi quando eu estava num barco com meus pais e meu irmãozinho mais novo, quando estávamos no meio de um rio, um galho perfurou o madeiro. Fui carregado pela correnteza que por sorte me jogou no barranco e consegui me salvar. Meus pais afundaram, fiquei órfão de pai e de mãe, meu irmãozinho mais novo desapareceu, jamais encontraram seu corpo. Eu nunca consegui acreditar que tivesse morrido. É difícil falar dele...

Por causa disso cresci na cidade, livre para amar as flores, desde a adolescência trabalhei em jardins e me especializei em paisagismo. Quando fiquei adulto, com muito sacrifício me formei em botânica. Na botânica aprendi tudo sobre as necessidades das plantas; no paisagismo aprendi a entender a beleza, mas foi com o coração que aprendi a entender a alma das plantas. Só se conhece bem, quando se conhece a alma das coisas.

Capítulo II

As aparências

Minha vida inteira foi dedicada a criar lindos jardins, alguns complicados, outros simples, mas sempre todos com muito amor. Conheço cada semente, cada broto, cada flor. Conheço um arbusto esquisito, dá um fruto parecido com um ovo, quem olha para a planta diz: “é um pé de ovo”.

Mesmo amando as flores, sempre procurei não deixar meu coração

sonhar com coisas que não fossem reais, um tanto por causa das decepções, outro tanto por causa da minha grande dor.

Estudei tudo sobre as plantas, assim, acreditava que conheceria somente a verdade. Queria saber tudo através da ciência, é por isso que eu sei que a roseira é da família Rosaceae sp, com folhas modificadas que são acúleos...

Eu procurava demonstrar meus conhecimentos para os outros. Sentia-me orgulhoso ao falar palavras científicas e, ao perceber que não entendiam nada, eu me sentia um sábio.

Com o passar da vida, descobri uma coisa interessante: as pessoas se impressionam muito com as aparências. Muitos não sabem que as mais belas coisas do mundo só podem ser percebidas com um coração sensível.



Embora eu tenha muito amor no coração, nunca tive coragem de falar sobre o meu amor pelas flores: nunca falei sobre as cores das pétalas, que conheço os perfumes, sei de todos os tipos de folhas. Sempre ouvi que devemos demonstrar capacidade e não sentimentos. O mundo tornou-se muito rude, há poucos lugares para os sonhos.

Se falasse dos meus sentimentos, temia que fosse chamado novamente de sonhador, talvez me considerassem um incapaz, e ninguém me daria um só jardim para construir.



De tanto levar a vida com poucos sorrisos, sempre tentando evitar os sonhos e entre muitas palavras científicas, acabei por me tornar um sujeito rude!

As flores caras e raras tinham preferência nos meus jardins.

Capítulo III

Um imenso jardim a construir



Muitas vezes lembrava meus tempos de criança no sertão, chorava ao imaginar tudo abandonado. Só quando fiquei adulto é que tive coragem de voltar, fiquei muitas noites planejando em transformar aquele lugar num lindo jardim, como se fosse uma homenagem à minha infância.

Foram descarregados alguns caminhões repletos de mudas, adubos, sementes, etc; somente quando eu conseguisse transformar aquele lugar quase selvagem num paraíso, é que eu voltaria a ser feliz.

Entrei em pânico quando retornei, pois além do jardim ser muito complicado, o terreno estava coberto por ervas daninhas, pedras e espinhos. Um lugar assustador, cheio de sombras e vultos. As árvores balançavam, pareciam empurradas pelos assopros dos monstros da madrugada.

Não é fácil criar um belo jardim, quando só vemos pela frente pedras, espinhos e escuridão. Em tudo na vida, é preciso ter muita coragem para dar o primeiro passo.

Era o jardim mais difícil da minha vida, mas sempre vale a pena trabalhar para deixar o mundo mais belo.

Eu projetava: limpeza, antúrios no centro, as begônias nas laterais, ficus variegata ao lado, correção do solo, grama azul... grama verde...

O começo sempre é a parte mais difícil, é que temos que sair do sossego. O sossego em excesso, é como uma pedra pesada amarrada nas nossas pernas.

Capítulo IV Um estranho vulto na mata

Sempre fui um sujeito solitário e corajoso. Por mais difícil que fosse o jardim, nunca gostava de precisar de ninguém, no entanto, ao me deparar com as tristes lembranças e com as dificuldades, vi que os esforços seriam maiores do que eu pensava.

Foi através da dor que aprendi uma lição: muitas vezes é só quando estamos em dificuldade que conseguimos enxergar que necessitamos uns dos outros. Mas era tarde, eu estava sozinho num lugar assustador.

Numa certa manhã, assustei-me com um vulto na mata ao lado da casa abandonada. Meu coração disparou, fiquei receoso de que fosse alguma fera selvagem: talvez um leão, um tigre... Eu só tinha as ferramentas do trabalho para me defender e seria uma presa devorada no primeiro salto.

Silenciei para ouvir algum rugido e identificar o animal, para meu espanto, ouvi uma voz:

— Onde estão as flores?

Esperei, e vi sair da mata uma criança indígena, aparentava ter seis anos. O menino se aproximou dizendo:



— Está tão triste, tão silencioso aqui! Sinto que o perfume das flores está tão diferente — meu coração se aliviou. Quando ele falou sobre o perfume das flores, lembrei meus tempos de criança. Pensei: é apenas uma criança sonhadora...



— Onde estão as flores? — ele repetia várias vezes.

As flores ainda eram mudinhas nas caixas, exceto algumas nativas, que eu tinha cortado para limpar o terreno.

Como havia me tornado um sujeito rude, não parei com o trabalho, dei a ele rapidamente uma daquelas que tinha cortado. Em lugares que não são cuidados, a própria natureza se encarrega de fazer nascer várias flores. Elas surgem sem que ninguém as tenha plantado, muitas são flores sem nome. A natureza não precisa de homens para que milhões de flores, árvores e animais apareçam e se multipliquem.

— Por que me deste uma pedra se perguntei das flores? — sua voz estava carregada de tristeza, parecia que algo muito triste tinha acontecido.

Ele segurou a flor e, com delicadeza, colocou-a no chão.



Estranhei, pensei que se enganou e respondi:

— Não dei uma pedra, e sim uma flor!

Ele baixou a cabeça pensativo, depois de algum tempo, pediu novamente:

— Por favor, desta vez, dá-me uma das flores que cortaste!

Assustado peguei a mesma flor e dei a ele:

— Sente nas tuas mãozinhas! É uma flor delicada e perfumada, diferente de uma pedra que é dura e fria.

— Agora sim me deste uma flor de verdade. Desta vez, o teu coração estava mais amável.

Não compreendi a atitude daquela criança, ele era tão estranho.



Se dei a mesma flor, por que me falou que não era mais uma pedra?

Pensei: “talvez eu não esteja entendendo as palavras de uma criança indígena”, porém, as palavras dele, embora com sotaque, eram absolutamente claras. Olhei profundamente para ele procurando entendê-lo, talvez, pensando em questioná-lo, mas logo percebi que os seus olhos eram diferentes, tinham uma cor acinzentada. Havia um mistério naqueles olhos!



Era uma criança amável. Apesar de ter uma vida saudável nas matas, tinha uma aparência doentia e frágil.

Há anos eu não sentia nada em meu coração, mas algo estava acontecendo, eu ainda não sabia o que era.

Meu coração era frio como uma pedra, porém, logo descobri que o que eu sentia era amor por aquela criança misteriosa. O amor nos faz crescer mais rápido, e ao mesmo tempo faz um adulto voltar a ser criança.

— Agora sinto que esta flor está perfumada — ele falou fascinado. — É que as tuas mãos estavam mais doces.

Aos poucos comecei a entendê-lo, ele entendia tudo o que eu dizia, mas também conseguia perceber os sentimentos do meu coração.

Com dificuldade entendi que quando dei a flor com certa irritação, ele sentiu como se fosse uma pedra, mas quando a dei com amor, sentiu o perfume do meu coração. Só fazemos bem feito, quando fazemos com amor.

Permanecemos até o fim da tarde, mas ainda eu continuava admirado com ele. Estava ansioso por saber da vida dele: qual seu nome, de onde vinha, quem eram seus pais... mas, pouco consegui descobrir. Fazia muitas perguntas, mas poucas respostas me dava. Ele usava um fabuloso cocar de penas douradas que brilhava com o sol, parecia de ouro, por isso, o chamei de Pena Dourada.

— De onde vens? Qual teu nome? Como aprendeste a ouvir os corações? — Ele parecia em profunda meditação.

Eu pensava: “Suas vestes são magníficas! São como as vestes dos velhos índios conhecedores dos mistérios. Certamente conhece muitos segredos das tribos.”

Para minha surpresa, antes de ir embora, fez-me uma revelação surpreendente: contou-me que era cego de nascença. Nunca viu uma flor, nunca viu um luar, nem uma estrela, nem um pássaro, nunca viu nada deste mundo...

Minhas pernas amoleceram e caí sentado numa pedra. Às vezes tinha a sensação de que era o meu próprio irmãozinho que tinha voltado. Tudo era confuso: às vezes pensava que a idade não correspondia, mas pelo imenso



trauma, bem que poderia ter acontecido alguma coisa para ter ficado criança para sempre. Outras vezes achava improvável porque não somos indígenas, porém poderia ter sido adotado por uma tribo e adquirido a cor morena pela vida na natureza...

Eu não entendia: como uma criança cega de nascença, que vinha sei lá de onde, andava pela mata perigosa e falava de flores como se enxergasse tudo? Havia um mistério naquela criança que eu queria desvendar.

Capítulo V Flores injustiçadas

Perto dele eu tinha uma incrível sensação de ternura, uma estranha paz invadia o meu peito, por isso, comecei a desejar cada vez mais a sua presença.

Daquele dia em diante passei a observá-lo melhor, analisar suas palavras, seus gestos, seu rosto, olhava tudo... Percebi que se guiava usando um pedaço de bambu, tateava as árvores, pedras etc.

Num certo dia, para agradá-lo, ofereci um presente valioso:

— Quero te dar uma flor valiosa: uma orquídea ou uma rosa híbrida. Uma que seja mais preciosa do que aquela flor comum que seguraste, sem valor algum.

— Coitadinha daquela flor, ela é tão injustiçada! — respondeu, com certo espanto.

— Injustiçada?! — estranhei — como assim?

— És jardineiro, estudaste tanto, guardaste tanto conhecimento na cabeça, mas não guardaste nada no teu coração! — sua voz tremia demonstrando que estava extremamente comovido.

Estudei tanto na minha vida, sempre tive à disposição os melhores livros, os laboratórios mais equipados, porém, nunca li nada a respeito de flores injustiçadas. Estava em apuros com as palavras de uma simples criança das matas.

Foi difícil, mas tive



que deixar meu orgulho de lado e pedir que me explicasse.

— Tu fazes jardins e isto é louvável — falou pausadamente. — Mesmo assim, sinto que és um homem amargurado... Sinto que tens medo de sonhar... Tu vives com o coração amarrado.

Disfarcei em silêncio e voltei a plantar algumas gazânias, mas não esquecia as flores injustiçadas.

“Ele tem razão, eu tenho o coração amarrado”, pensei.

Ele percebeu que, pelo meu silêncio, eu fiquei confuso, então me explicou:

— Primeiro tu cortas todas as flores que nasceram naturalmente, depois, plantas tudo de novo. Se estas flores simples estivessem num lindo vaso, enfeitado com fitas de seda e lantejoulas, seriam conhecidas pelo nome e teriam valor, mas como nasceram apenas pela ação da natureza, não têm valor algum. As pessoas, muitas vezes, não sabem enxergar a beleza das coisas simples, só dão valor quando perdem ou quando precisam pagar.



“Só reconhecem o valor das coisas pelo preço que pagam. As aparências enganam muito os homens.

Eu me senti tão pequeno: “errei em deixar de sonhar, meu coração ficou amarrado demais.”

Ele saiu devagarzinho, desaparecendo na mata, segurando sua varinha de bambu.”

O restante do dia foi muito trabalhoso, mas nada me fazia parar de pensar naquela criança que a cada momento me surpreendia.

Era incompreensível, como podia existir uma criança indígena, cega de nascença e tão sábia?

No final do dia o Sol majestoso se preparava para desaparecer no horizonte, inesperadamente o menino das matas voltou e disse deslumbrante:

— Um dia, ao acaso, eu achei uma orquídea na mata. Foi quando eu tocava em uma árvore tentando achar um fruto selvagem. Senti suas folhas, conheci a delicadeza da flor.

— Elas são lindas e valem muito. Antigamente eram consideradas

nobres, dadas como presente especial para os reis — falei orgulhoso em demonstrar conhecimentos, mas ele não se impressionou e respondeu:

— As orquídeas não sabem que são valiosas! As flores que vivem na natureza não sabem qual vale mais para os homens, sabem que umas precisam das outras. As pessoas é que gostam de calcular o valor das coisas.

Apreendi mais uma lição: “Devemos ser como as flores, elas vivem em paz, uma ao lado das outras e, juntas, formam a beleza das matas e jardins.”

— Por favor, dá-me um pouco das sementes das flores que cortaste. Elas servirão para minha luz — pediu ternamente, emocionou meu coração.

— Luz? Qual luz? A luz do Sol? — mesmo emocionado, aquelas palavras foram as mais confusas naquele dia.

Ele se calou novamente, talvez por piedade.

Às vezes, o silêncio é a mais sábia das respostas, outras, a mais bela caridade.



Colhi uma porção de sementes rapidamente, pois me achava ocupado, com pressa de terminar o canteiro das frésias, coloquei dentro de um pacotinho e entreguei para ele.

Depois ele segurou com as duas mãos um punhadinho, segurou as sementes como se fosse o seu tesouro.

Capítulo VI Voar

Não eram apenas a beleza e sabedoria dele que me prendiam, mas também os seus mistérios. Quando pensava que compreendia alguma coisa, logo aparecia outro fato, depois vinha outro e mais outro, obrigando-me constantemente a pensar muito. Perto dele, parecia que era eu a criança, e não ele. Por mais que eu pensasse, não descobria como uma criança cega de

nascença falava sobre as coisas como se enxergasse tudo perfeitamente. E o que seria o mistério da luz, e o mistério das sementes?

Certa vez ele veio delicadamente, mas suas palavras eram como verdadeiros enigmas:

— Quando tu voas, para onde gostas mais de ir?

— Eu? Voar? Gente não tem asas para voar, só se for de balão. Eu não tenho asas! Meus pés estão no chão como se estivessem colados, apenas dou passos, mas sempre com um dos pés no chão para não cair — segurei a vontade de rir.

Ele suspirou profundamente e desapontado respondeu:

— Não é voar com essas coisas inventadas pelos homens. Quando se tem o coração puro, ele cria asas e, é possível voar livre como um pássaro...

O meu erro foi passar a vida só pensando em possuir os valores do mundo, em vez de procurar os valores do coração.

Embora não tenha entendido, sabia que havia uma explicação lógica. Senti-me envergonhado, mudei de assunto e falei sobre o serviço que estava penoso!

— Faço jardins, mas também estudei botânica — sempre fazia questão de contar sobre botânica para me sentir importante.

— Tu és um homem triste — respondeu não se importando com os meus conhecimentos científicos.

— Triste? Claro que não! — neguei, mas meu coração se sentia amargurado, porque sabia que tinha razão. É difícil aceitar as próprias imperfeições. Minhas lágrimas ficaram presas e amargas na garganta.

“Sonhar! Meu erro foi deixar de sonhar.”



— Sinto que tens o coração amarrado — falou como se pudesse olhar em meus olhos — é por isso que não podes voar, nem acreditas que alguém o possa.

Ele estava de cabeça baixa, depois de algum tempo prosseguiu:

— Mesmo que eu tentasse explicar que tenho um Amigo Brilhante que me ajuda a voar, não

adiantaria, não compreenderias. Tu vês apenas com os olhos do teu rosto, mas a mais pura e linda visão é a do coração.

Esforcei-me tanto para aprender as coisas difíceis e acabei esquecendo as coisas simples.

Peninha Dourada voltou a silenciar percebendo meu embaraço.

O silêncio, às vezes, diz o que milhões de palavras não podem dizer, porque o silêncio fala a linguagem do coração.



Depois ele sentou numa pedra pensativo, cobrindo o rosto com as mãos.

E o que ele pensava? Eu não saberia dizer, pois era misterioso demais.

— Dize-me, anjinho das matas, como voas? Acaso é algum sonho? Queres ser astronauta?

— Seria difícil um astronauta cego — respondeu.

Eu me considerava um sábio, porém, é muito mais difícil aprender alguma coisa quando já se acha sábio. Muitas vezes, eu me via obrigado a quebrar o orgulho e fazer-lhe muitas perguntas, querendo saber tudo ao mesmo tempo.

— Tu voas mesmo? De verdade? Como consegues? Para onde vais? Quando voas consegues enxergar?

— Estás apressado demais, meu amigo. O coração precisa de tempo e paciência para aprender.

Conversávamos muito, mas pouco eu o entendia. Era obrigado a pensar muito para tentar entender o significado de suas palavras.

A princípio, cheguei a pensar que a história dos voos não passava de sonhos de criança, mas eu não tinha o direito de falar que parasse de sonhar, pois me lembrava com tristeza dos meus sonhos de criança: ser astronauta e fazer jardins pelos mundos do espaço... Costumamos ficar perturbados, mais com as dúvidas, do que com as certezas.

Capítulo VII

As abelhas e a pedra

Sempre amei os jardins, mesmo alguns sendo trabalhosos, e aquele estava dando um trabalho maior do que eu imaginava.



Certo dia, quando eu suava tentando me livrar de uma enorme pedra, o Pena Dourada apareceu muito preocupado, fez-me uma intrigante pergunta:

— Sempre ouço o zumbido das abelhas perto das flores. As abelhas também amam as flores?

— Sim, mas devo adverti-lo de que são perigosas — ele se angustiou.

— Então, devo me cuidar com as flores e jardins. Nunca se sabe quando há uma abelha escondida.

Senti necessidade de uma explicação melhor, pois flores e jardins não são perigosos.

— É que elas têm um ferrão, se a gente não se cuidar, uma abelha desavisada crava-o na nossa carne e dói muito.

— Por que fazem isso?



— Talvez porque sejam cruéis — disse sem pensar, pois estava irritado com a pedra.

Quando estamos irritados, corremos o risco de falar coisas erradas.

Ele voltou para as matas, mas andou triste, amedrontado com as abelhas. Depois de algum tempo, voltou com mais perguntas:

— Se o mel é o mais doce sabor da Terra, como pode ser feito por um ser tão mau?

Enquanto eu pensava numa resposta, ele prosseguiu:

— Se o coração das abelhas é doce, se fazem o mel, o que pensam quando fincam o ferrão?

Aquela era uma questão que eu não sabia responder. A metade do que aprendi não pratiquei, ficou esquecido. Diante da minha ignorância, ele exclamou:

— Tenho medo destas sementes, poderão ser danosas!

— Não te preocupes — procurei acalmá-lo, mas ele continuava preocupado. Arrisquei dar uma explicação:

— Só se entre as sementes boas, estiverem algumas de plantas venenosas ou ervas daninhas.

Durante a noite procurei nos velhos livros da faculdade algo sobre a vida das abelhas e a presença delas nas flores. Para explicar ao Peninha Dourada, eu sabia que não precisaria usar palavras científicas e complicadas, pois ele jamais me chamaria de sonhador:

— As abelhas mais fortes são os soldadinhos, eles não são maus, só fincam o ferrão quando estão com medo. Só pensam em se defender. Muitos morrem quando fincam o ferrão, porque parte de seu corpinho se rompe.

Ele sorriu satisfeito e, cheirando uma das flores, falou:

— Agora entendo! A maldade é amarga; só vem quando o coração é amargo.

Repetiu baixinho algumas vezes, como quem analisa profundamente: “A maldade é amarga, só vem quando o coração é amargo.” Em seguida continuou.

— Até mesmo um coração acostumado a ser doce, quando se sente amedrontado, um dia pode se tornar amargo. Isto é muito grave!

Fez novamente uma pausa, colocou as mãozinhas sobre o peito e falou:

— O coração das abelhas é doce, só pensa em fazer o mel, elas choram quando pensam em fincar o ferrão. Quando virmos uma abelha, a melhor coisa a se fazer é respeitá-la. O respeito faz os corações permanecerem doces.

Por eu ser mais velho, pensava que podia ensinar tanto, mas era eu quem mais aprendia.

Se um adulto quiser ser sábio, é preciso antes aprender com as crianças tudo aquilo que já se esqueceu. Nos risos, nas palavras e gestos há muita pureza e verdade.

Já era adulto e não vi o tempo passar. Pensei: “não é apenas com a

idade que se torna um sábio, mas para se aprender, é preciso viver, sonhar, pensar e amar muito.”

— Compreendeste bem! — quis elogiá-lo, ele me agradeceu, mas me surpreendeu quando falou:

— As abelhas também são injustiçadas!

— Como assim? — eu deduzi o que ele quis dizer, pois lembrei das flores injustiçadas, mas pedi que explicasse melhor.



— As pessoas não dão nada para elas, nem ao menos plantam flores perto da casa delas para facilitar o trabalho. Na hora em que o mel está pronto, invadem sua casa e pegam o mel, mas se algumas fincam o ferrão, dizem que são cruéis. Os homens são ingratos, precisam amar mais. Quem ama nunca é ingrato.

Eu continuava tentando rolar aquela pedra, estava chegando ao desespero, minha voz já estava rouca:

— Ah! Que pedra teimosa! Não posso quebrá-la nem arrastá-la. Tentei de todas as formas e ela nem se mexe — eu me via diante de um enorme problema.

E o meu pequenino amiguinho ouvia minhas queixas serenamente. Para ele parecia um problema simples. Aquela calma, confesso, me irritou um pouco.

Esperou eu estar preparado para ouvir, então me falou:

— Quando na vida aparece uma pedra tão dura que não possa ser quebrada, tão pesada que não possa ser retirada, a única solução é transformá-la numa coisa bonita.

— Uma pedra é um problema grave! — exclamei severamente.

— Tu vês um grande problema porque deste muita importância a ela — falou compassadamente.

— Mas no meu jardim não pode haver pedras.

— Quanto mais te importares com ela, mais ela te provocará e rirá de ti, maior te parecerá.

E a pedra estava zombando e dando gargalhadas do meu desespero.
— É imensa! Ai... — gritei de dor nos braços.

— Não é tão grande assim. Tua raiva confundiu os olhos, por isso, a vês maior do que realmente é.

— Que devo fazer?
— o meu rosto estava vermelho de ira.

— É simples: basta lavá-la, cobri-la com verniz para que brilhe e, plantar ao seu redor, lindas flores. Com amor e calma, tudo se transforma.



Pensei: “pedra brilhante, flores...” Demorei aceitar a ideia, porque quando estamos preocupados, irritados, nunca estamos preparados para enxergar a solução que está do nosso lado.



Quando pude imaginar um lindo enfeite, relutei em admitir que tivesse razão, mas achei mais honesto deixar de lado meu orgulho e gritei:

— Maravilhoso, meu anjinho amado! — eu o abracei feliz, aliviado por ser honesto com ele e senti as batidas do seu coraçãozinho.

— Sinto que sofres — falou ainda abraçado a mim — pois tens medo de sonhar. Tudo fica mais difícil quando se tem um coração amarrado.

Apreendi com ele que na maioria das vezes, a solução está nas coisas simples, nos pequenos gestos, nas simples palavras e não nos grandes sacrifícios.

Capítulo VIII

A prova da cegueira do Peninha

Aquele menino indígena alegrava a mata, as flores e os animais. Tinha o perfume das ervas e flores selvagens. Por onde quer que andasse, seu fabuloso cocar de penas douradas brilhava como ouro ao sol.

Compreendia os sinais da mata, do mundo, da vida e dos homens. Amava as plantas e animais. Considerava que todos os seres foram criados pelo mesmo Criador, por isso, sentia-se irmão das árvores, dos animais, dos homens e de todos os astros do céu.

Além da beleza, sua sabedoria era surpreendente, era algo incrível: com quem aprendeu tanto? De onde vinha? Quem eram seus pais?... Eu não sabia. A única coisa que eu sabia, era que conhecia os velhos mistérios das tribos.

Eu aprendia muito com ele, a coisa mais importante que aprendi, foi que eu precisava mudar.



Sempre precisamos mudar, pois nunca estamos perfeitos! Passaremos toda a vida precisando aprender.

Ao chegarmos à velhice, é comum uma criança aparecer e perguntar alguma coisa que ainda não aprendemos.

Cresci com medo de sonhar. É o medo de sonhar que deixa a vida tão triste. O ser humano feliz é aquele

que amou e sonhou na vida.

Numa tarde veio uma chuva fina, depois o Sol apareceu formando um lindo arco-íris num canteiro recém-plantado. Lembrei com tristeza do meu amiguinho cego e murmurei baixinho:

“Como queria que ele pudesse ver esta pequena maravilha de cores.”

Eu me esforçava para desvendar, pelo menos, alguns dos seus mistérios. Cheguei a pensar que ele podia ver alguma coisa, mesmo que fosse apenas algum vulto. Não admitia o fato de que não podia ver absolutamente nada.

Meu coração se entristecia quando pensava na escuridão em que ele vivia.

— Onde estás? — de repente, ouvi a voz do meu anjinho, no momento em que me extasiava olhando o pequeno arco-íris.

— Perdoa-me! Não vi que estavas vindo.

— Sinto uma doçura diferente na tua voz, agora estás irradiando felicidade. Sempre é doce a voz de quem é feliz.

— É por causa da chuva — fiquei tenso, ocultei o arco-íris para que não se entristecesse, pois não podia compartilhar aquela beleza. Sempre queremos dar o melhor de nós para quem amamos.

— Agora sinto tua voz tremer.

Não queria que pensasse que eu escondia algo, a fidelidade dá paz ao coração. Resolvi contar, pois seria melhor, mesmo que se entristecesse.

— É que se formou um arco-íris no jardim.

— Arco-íris?! Eu adoro as cores — sorri deliciosamente.

— Mas é pequeno, menor do que um carrossel. Nem é tão lindo assim — diminuí a importância da beleza, para que não se entristecesse.

— Os arco-íris parecem estradas dos anjos. Cada anjo que passa, deixa uma cor que brilha — falou com extrema felicidade.

Aquilo pareceu ser a prova que eu esperava. Estava convencido de que enxergava alguma coisa. Mesmo que fosse algum vulto, já me alegraria.

— Então vês alguma coisa? — questionei esperançoso.

— No universo há milhões e milhões de estrelas, mas nem a luz de todas elas juntas poderia me dar um só segundo de visão para os olhos do corpo.

Eu estava com as mãos doloridas, tinha amontoado num só lugar, todas as pedras que estavam espalhadas no terreno para preparar os canteiros, exceto aquela grande que transformei num enfeite.

Eu sabia que o jardim, depois de pronto, faria a felicidade de quem o olhasse: a maneira mais bela de ser útil é construir algo para a felicidade dos outros. O silêncio do meu amiguinho sempre era assustador, pois sempre queria dizer algo. Quem ama aprende a conhecer o silêncio do outro, sabe

que há uma linguagem escondida, pois o silêncio fala a linguagem do coração.

— Estás pensativo? — perguntei.

— Sim. Leva-me ao meio do jardim? — estendeu as mãozinhas.

— Mas... tu és cego! — eu o repreendi, ele se entristeceu, porém tentei me justificar:

— Sei que conheces as matas, mas aqui está tudo mudado, tudo estranho, poderás cair! — fiquei triste por ser franco, nunca queremos magoar quem amamos.

— Faz tempo que eu fico aqui ao lado. Tu trabalhas e eu não quero atrapalhar, hoje quero sentir a grama que plantaste. Quero conhecer a diferença da grama plantada com o chão da mata.

Era perigoso, apesar de ele ser acostumado com as dificuldades da mata. É que havia caixas e ferramentas espalhadas, pedras amontoadas etc., por outro lado, se ele enxergasse algum vulto, poderia desviar obstáculos com certa facilidade. Era uma ótima oportunidade de saber a verdade.



Levei-o ao meio do jardim onde havia a maior área plantada de grama, por considerar ser o local mais limpo e seguro. Ele começou a andar de mansinho, passo a passo, sentindo os pezinhos se afundarem na grama.

Empolgou-se e começou a correr e cantar. Eu soltava deliciosas gargalhadas de felicidade, estava convencido de que estava vendo alguma coisa.

Deixei-o a sós, logo ouvi um grito de dor! Olhei e um frio no peito fez meu coração disparar, eu o vi caído sobre as pedras. Meu corpo inteiro tremeu, como uma flor que se desfolha pelo vento.

Corri e ergui seu corpinho amolecido nos meus braços, apertei-o contra o peito! Chorei arrependido por não ter acreditado nele. Eu devia ter cuidado melhor de quem amava. Não basta apenas pensar ou falar, é preciso gestos, cuidar bem de quem se ama.

Aquele grito de dor ecoou na minha cabeça, e pude sentir no meu coração a mesma dor que ele sentiu. Foi a prova de que ele era cego dos olhos do corpo, nem um único vulto enxergava.

Às vezes somos incrédulos, não acreditamos em quem amamos, precisamos de provas, mas as provas muitas vezes vêm com a dor. Eu deveria ter escutado mais meu coração.

— Perdoa-me, meu amado Pena Dourada, eu devia ter acreditado em ti, ter cuidado melhor dos teus sentimentos.

Ele enxugou as lágrimas e disse:

— Caí por causa das pedras. Sabe, meu amigo, o importante não é olhar para onde a gente cai, mas procurar uma maneira de se levantar.

— Fui eu o culpado, tirei as pedras do lugar e não te contei em que direção elas estavam.

Depois que cuidei de uma pequena escoriação em sua perna, o deixei num lugar seguro.

Ao final da tarde estávamos mais calmos, porém, com o rosto ainda pálido, ele me surpreendeu com suas palavras:

— As pedras não são tão perigosas quando sabemos que existem e onde estão, mas são perigosas quando não sabemos delas, nem onde estão. O pior é quando não acreditamos que elas existem.

— Tirei-as do lugar, amontoei-as... — procurei desesperadamente me desculpar para aliviar meu sentimento de culpa. A dor de não ter acreditado nele insistia em ficar no meu coração.

— Não sintas culpa no teu coração. Eu conheço tudo por aqui: a mata, as árvores, as montanhas, os caminhos, os rios... Reconheço os ventos, o aroma das árvores e flores, sempre sei onde estou. Eu conhecia todas as pedras, mas quando as mudaste de lugar, fiquei despreparado. Devemos sempre estar atentos para não tropeçarmos nas pedras, principalmente as que foram mudadas de lugar.

O segredo não é temermos as pedras, mas estarmos atento.

Capítulo IX Os dons

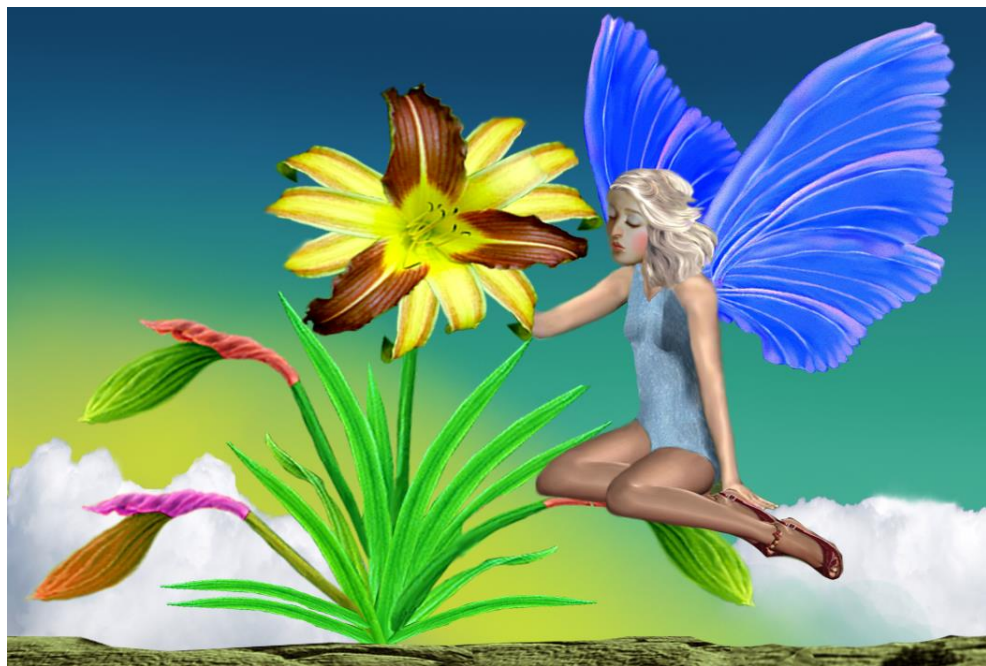


No dia em que o Peninha não aparecia, era como se o universo inteiro fosse deserto. Nem o perfume, nem as cores das flores, nem o canto dos pássaros, nada fazia sentido. Era como se todas as estrelas do universo tivessem se apagado. Eu me sentia como se estivesse na sombra de todas as luzes do céu.

A solidão não é estar sozinho, mas sentir um vazio na alma. Sentir a falta de alguém é o mais belo sinal de quem ama de verdade.

Eu conheci mais aquela criança pela sua falta.

Numa certa manhã, veio uma linda borboleta azul, sorrindo e



brincando sobre as flores.

Meu coração se alegrou logo que avistei o Peninha chegando.

— Temos uma visita, uma linda borboleta azul. O Criador do mundo é como um jardineiro perfeito, Ele colocou nas asas desta borboleta um pedacinho do céu, e criou as flores para ela brincar.

O Peninha se emocionou, sua voz estava macia:

— Pela poesia que falaste, sinto que ela é linda! Borboletas também fazem mel?

Eu sempre tinha impressão de que ele podia ver, mas o triste episódio da queda não deixou dúvidas. Quando não se pode ver com os olhos do corpo, vê-se com os olhos da alma.

— Não! — exclamei — elas têm outro tipo de doçura, a doçura de alegrar.

— Por que não fazem mel se são alegres?

Não era uma pergunta difícil, porém, precisamos estar preparados para explicar as coisas simples, caso contrário, transformamos as coisas simples em coisas complicadas. Eu havia evoluído um pouco e me senti preparado para responder:

— Porque a natureza fez cada ser com um dom especial, e as borboletas não têm o dom de fazer o mel.

— O que é dom? — questionou, pois queria compreender melhor.

— É uma habilidade especial que Deus dá para cada um. Está dentro de nós. É o que sabemos fazer de melhor, naturalmente, o que amamos fazer, sem que ninguém nos tenha ensinado. Dom é uma habilidade que pode ser melhorada, mas nunca ensinada.

— Então o meu dom é voar em busca da luz?



— Quem sabe?! — não afirmei, porque muito do que dizia, para mim, era indecifrável.

— Agora entendi — respondeu. — A abelha tem o dom de fazer o mel, a borboleta de alegrar, a flor de perfumar, os pássaros de voar, as estrelas de brilhar, o luar de encantar...

— Os dons são maravilhosos — eu fiquei

feliz por ter entendido tudo.

— Sabes qual o dom mais importante? — ele perguntou.

— Não — respondi.

— O dom do amor — respondeu sorrindo.

Capítulo X **Mundos Invisíveis**

Foi preciso muito tempo para descobrir o maior mistério da vida do Peninha.



Há muitos relatos na história da humanidade, sobre a existência de Seres Invisíveis que visitam os homens na terra. Trata-se de seres evoluídos e poderosos que brilham e amam muito. São conhecidos por vários nomes, de acordo com a época e os lugares em que apareceram. Eis alguns dos nomes por que são conhecidos: Anjos, Seres de Luz, Seres Brilhantes, Mensageiros, Seres Invisíveis, Seres Iluminados, Seres Alados, Mestres Cósmicos, Assensos, Gênios... É difícil um deles aparecer para um adulto, mas para as crianças aparecem com mais facilidade.



Sei que as crianças sabem que eles existem de verdade, mas devo citar alguns exemplos de aparições, só para provar aos homens. Apareceram em Belém, Egito, Ur... mas há uma quantidade muito grande de relatos de aparições para crianças...

Cheguei à conclusão de que era um desses Seres Invisíveis que visitava o Peninha.

Ele chegava à noite flutuando, iluminando. Com a voz cheia de ternura, despertava o seu corpinho mais leve e o levava para outros Mundos Invisíveis, onde o deixava por algum tempo, para que conhecesse e aprendesse muitas lições, a fim de evoluir, depois o trazia de volta.

Os Mundos Invisíveis eram conhecidos pelos antigos magos, filósofos e profetas. Cada um conhecia por um nome diferente, de acordo com a época e os lugares. Eis alguns nomes: mundos paralelos, mundos encantados, cidades suspensas, mundo da outra dimensão, colônias espirituais, mundos astrais...



Alguns são pequenos como um quarto, outros são tão grandes que formam cidades.



Estão localizados no topo de algumas montanhas, mas são invisíveis para os homens. Cada um tem um nome. Alguns são lindos e iluminados, confundidos com o céu, habitados por pessoas boas, mas há os horrorosos chamados de mundo das trevas, habitados por seres maldosos.

Muitos são iguais à nossa Terra, onde as pessoas não são totalmente boas, nem totalmente más: estão ainda em evolução. Eram desconhecidos dos homens, e só foi revelada a existência deles, graças aos Seres Invisíveis.

É difícil os homens verem um destes Mundos Invisíveis, mesmo que olhem com atenção para o topo de uma montanha, mas, se alguma criança um dia olhar com o coração puro, poderá vê-los. Somente é possível ir a um dos Mundos Invisíveis de luz, se algum Ser Invisível levar até lá.



Capítulo XI Ser Invisível

Foi incrível descobrir que o Ser de Luz era poderoso. Quando ele levava o Peninha, dava-lhe o poder para enxergar e também voar, embora apenas a pequena altitude.

Ele se manifestava ora com asas, ora sem asas, porque na verdade não precisava delas para voar. As asas não passavam de simples enfeite, apenas.

Foi aí que compreendi porque ele falava sobre as coisas da terra como se enxergasse, pois se lembrava da visão que tinha quando era levado pelo Ser de Luz.

As aparições me impressionaram profundamente:

— Qual o nome dele? — Investiguei ansiosamente.

— E quem saberá o nome de um Ser Invisível?



— Ora! Acaso não perguntaste? — insisti.

— Eles não gostam de se revelar, foram poucos os que disseram o nome para os homens.

— E quando tu conversas com ele, como o chamas?

— Eu o chamo de Amigo Brilhante, isto basta para ele, isto também me basta!

— Um nome seria muito importante para os homens — procurei convencê-lo, pois desconfiava que ocultava propositalmente.

Tomado de grande seriedade, ele respondeu:

— O que é um nome? Não amamos um nome, amamos uma pessoa pelo que ela tem na alma, tanto pelos seus defeitos, quanto pelas suas qualidades. Eu amo um Ser Iluminado!

Aquela foi uma resposta marcante em minha vida.

Fiquei longo tempo sem conseguir fazer nenhuma pergunta. Aquele momento ficou delicado, eu me aliviei quando ele prosseguiu:

— O que eles mais gostam de fazer é amar e fazer o bem, sem serem reconhecidos pelos homens.

Se alguma criança, numa noite qualquer se deitar para dormir e tiver o coração puro, poderá ver no seu quarto alguém que voa, brilha e ama muito. Se alguma noite isto acontecer, não tenham medo, pois será um Amigo Brilhante trazendo uma linda luz. Amem-no, porque o amor bem empregado é eterno!

Não sejam como os homens rudes que gostam de provas: passam a vida inteira interrogando as testemunhas e procurado algum vestígio nos lugares das aparições... querem saber o nome, de onde vieram... O pior cego é aquele que não tem fé. As crianças entenderão com mais facilidade que os Seres Invisíveis existem de verdade e amam muito.

Capítulo XII

Boas atitudes, bom coração

Numa noite de insônia eu saí pelo jardim, sentei-me no chão e olhava para o céu desejando ver um mundo invisível. Por mais que me esforçasse, somente via estrelas distantes e a Lua que ia sonolenta entre as nuvens. Esforcei muito tentando imaginar como seria um mundo invisível. Logo que amanheceu, vi que chegava o meu anjinho das matas, Pena Dourada, e ansiosamente investiguei:

— O que tem nos mundos aonde vais? Sempre são belos?

— Há muitos Mundos Invisíveis aqui na Terra e em todo o universo, alguns são belos como os jardins, outros são horríveis como o fundo escuro



das cavernas. Alguns têm o perfume da mais doce flor, outros são malcheirosos e úmidos.

Foi uma importante revelação, mas que me preocupou muito. Eu seria capaz de fazer qualquer sacrifício para também conhecer um mundo espiritual, mas que fosse um lindo lugar. Embora tivesse curiosidade, por medo não perguntei se alguma vez foi a um lugar tenebroso, mas o menino pressentia minhas dúvidas e fez uma advertência:

— Cuida das tuas atitudes, cuida também do teu coração.

Meu rosto empalideceu, entendi que o assunto era muito sério.

— Por quê? — perguntei assombrado.

— Se queres conhecer um mundo de amor, primeiro coloca amor no teu próprio coração — respondeu com uma seriedade impressionante.

Enquanto eu pensava em como colocar mais amor no coração, ele nem esperou que eu concluísse, logo fez outra advertência.

— Conheces o perigo dos seres das trevas?

Não ousei responder, estava amedrontado demais, então ele contou:

— Em uma noite adormeci com o coração amargurado pelas dificuldades da vida, quando percebi, fui acordado por um Ser Invisível que veio de um lugar de trevas. Ele não sorria, não tinha brilho, mas mentia que amava com tanta força, que convencia facilmente. Eu acreditei nele, então, me levou para um lugar assustador. Aprendi que jamais devemos dormir com o coração impuro, pois estaremos em perigo de um ser malvado nos visitar.



— O que fizeste para voltar?
— Olhei para o alto.
— O que procuravas no alto?
— Uma réstia de luz no meio da escuridão.
— Encontraste alguma?
— Sim, a luz de um Anjo de Luz.
— E o que aconteceu?
— Apareceu um clarão que iluminou o caminho de volta. Mas um Anjo de Luz só vem quando pedimos, quando nos lembramos dele.

Capítulo XIII

Colônia das Crianças

A Colônia das Crianças foi um dos Mundos Invisíveis aonde o Amigo Brilhante levou o Peninha. Lá as crianças voam, porém, somente a baixa altitude.

— Por que não voam para longe? — estranhei o fato.
— Ainda não estão com o coração purificado — respondeu.
— O coração deles sabe pensar? — interroguei.
— O coração sempre sabe o que sente, porque só sente o que a alma pensa. Se alguém não é bom, é porque sua alma não é boa.
— Elas precisam melhorar? — perguntei, mas me envergonhei, pois já sabia a resposta.
— Meu Amigo Brilhante sempre repete: todas as pessoas do mundo precisam melhorar, tanto as que vivem na Terra quanto as que vivem nos Mundos Invisíveis, ninguém pode dizer que já está perfeito.
— Demora muito para ser perfeito? — interessei-me em saber.
— O caminho é longo e difícil para sermos puros de verdade.
— Nossa! — exclamei — então não existe ninguém perfeito no universo?
— Sim, somente o Grande Criador — respondeu.

Na Colônia das Crianças há um fato preocupante, lá somente existe uma árvore. Ela é tão grande que sozinha cobre toda a colônia, é a única fonte de alimentação para todos. Uma espécie que só existe lá. Acho até que é uma árvore que pensa, pois dá todas as espécies de flores e frutos que existem no mundo ao mesmo tempo, o ano inteiro. Se uma criança quer uma maçã, basta pedir para a árvore e, em pouco tempo, ela apronta deliciosas maçãs, assim acontece com figos, peras, uvas, bananas, laranjas etc.



— Estou preocupado com a árvore — disse o Peninha baixando a cabeça.

— O que há de errado com ela? — Percebi que havia algo muito sério.

— Ela corre o risco de secar por causa das fábricas! — sussurrou, esfregando uma mão sobre a outra, com grande preocupação.

No decorrer do dia, o Peninha contou que na Colônia das Crianças moram crianças boas, mas também outras que não são boas, pois ainda estão em evolução. As boas amam e respeitam a árvore, mas as outras não se importam com ela: cortam os galhos, arrancam muitos frutos ainda verdes, muitas folhas... Aos poucos, estão acabando com ela.

Lembrei-me de uma linda lição que li quando jovem num livro chamado “Minutos de Sabedoria”, de Carlos Juliano Torres Pastorino, e recitei:

— “Só a árvore que produz frutos é que se vê apedrejada, para deixá-los cair. À árvore estéril ninguém dá importância.”

O Peninha falou inconformado:



— Existem pessoas que são ansiosas demais, adoram sentir o prazer dos sabores e querem comer os frutos a qualquer preço, mesmo que tenham que destruir a árvore inteira.

— Tens razão! Uma árvore boa quando é cortada, ao ser sacudida pelo golpe do machado, derruba seus frutos nos pés de quem o corta e deixa no machado o perfume do seu tronco.

Ele relatou a sua visita, primeiro conheceu o lado esquerdo. Apiedou-se da árvore sendo maltratada por uma criança que não era boa, isto é, ainda em evolução.

Era um menino de rosto assustador, segurava um machado poderoso, num só golpe era capaz de cortar um enorme galho e fazer uma pilha em poucos minutos. Fazia muitas dúzias de tábuas num só minuto. Os galhos finos eram queimados para servir de carvão para outras fábricas.

O Peninha Dourada, insatisfeito com o fato, perguntou:

— Por que cortas tantos galhos? Já tens uma montanha!

— Para fazer cadeiras — respondeu sem parar de golpear a árvore.

— Por que tantas, se precisas apenas de uma? — questionou.

Irou-se a criança em evolução e, cortando ainda com mais fúria disse:

— Tu és sentimental demais.

— O que é sentimental?

— É quem se deixa levar pelo coração.



— Então, eu sou sentimental e sou feliz por deixar meu coração amar, sonhar e procurar a luz — o Peninha tentava convencê-lo a ser bom.

— Pesquisei as fraquezas das pessoas — explicou a criança com ironia. — Observei que pagam qualquer preço para ter conforto; descobri que uma fábrica de cadeira é o melhor negócio que existe.

A criança fabricante trabalhava sem parar e, querendo convencer o Peninha disse:

— O segredo para ficar milionário é inventar alguma coisa para o conforto das pessoas, mesmo que seja preciso destruir o mundo.

— Assim acabará com tudo — o Peninha repreendeu.

— Para ter conforto, a maioria das pessoas não se importa com nada — continuou a criança fabricante. — A cada dia invento novos modelos! Ganho dinheiro porque as pessoas gostam de ficar sentadas.

— E se a árvore secar? — o Peninha alertou.



— Na reunião dos fabricantes ela foi proibida de secar! Decidimos fabricar muitas cadeiras lindas, porém frágeis, para que quebrem rápido e possamos vender outras, até ficarmos milionários.

— A natureza não segue a lei dos homens, os homens é que precisam respeitar as leis da natureza — repreendeu.

— Tu és mesmo um bobo! Olhe para a árvore, observe que ainda tem muitos galhos para serem cortados, vai dar tempo de eu ficar rico antes de secar.

O Peninha saiu melancólico, olhando para uma enorme pilha de troncos secos, chorou. “Falhei, não consegui fazê-lo entender que a ganância deixa os olhos cegos e o coração endurecido”.

Naquele momento difícil na vida do Peninha, uma luz brilhante apareceu, era o Amigo Brilhante que veio consolar seu coração:

— Não aflijas o coração e enxuga teus olhos. Um dia, as pessoas que abusam da liberdade sofrerão pelos seus erros, aprenderão com a própria dor. Não exijas a perfeição dos outros, nem exijas de si mesmo, mas procura aprender sempre com tudo o que acontece na tua vida.



Na presença do seu amado Amigo Brilhante, acalmou-se. Em seguida, foi levado para o lado direito da Colônia, para que conhecesse uma das crianças boas.

A árvore estava bem cuidada, embora observasse muitos galhos e folhas secos. Andou em busca de alguém, a poucos passos ouviu um ruído. Era

uma menina que escrevia sem parar:

— Olá! O que escreves?

A menina, ao ouvi-lo, ficou calada pelo susto.

— Perdoa-me, não queria te assustar — o Peninha corou de vergonha.

— Estava concentrada quando chegaste. Quem és?

— Chamam-me de Pena Dourada, outros de Peninha. O que escreves? — repetiu a pergunta.

— Anoto tudo o que acontece nesta árvore: controlo o número das folhas verdes e as secas, quantas folhas caíram, a quantidade de brotos e frutos, flores, cores, abelhas...

— Estranho!... Nunca vi ninguém fazer isso — o Peninha estava surpreso com um serviço tão diferente.

— É uma questão de amor pela natureza. Alguém precisa se preocupar com ela! — Disse a menina boa.

— É fácil de se perder! Por que faz isso? — o Peninha admirou sua habilidade, a tarefa exigia muita concentração, paciência e esforço.

— Tentamos provar para as crianças fabricantes que a árvore está morrendo — respondeu a menina com o rosto pálido de fadiga.

Pelas contagens descobriram que as folhas, as flores, frutos etc., estavam diminuindo a cada dia.

De tanto que a árvore foi destruída, já estava confusa: tinha dificuldade em brotar, esqueceu como se faz muitos frutos, os pássaros estavam morrendo por falta de frutos, as borboletas e abelhas eram poucas por falta das flores, a chuva se descontrolou, a temperatura aumentou, os rios estavam poluídos, o clima estava confuso, toda a colônia estava em crise.

As crianças boas tentavam provar para as fabricantes que a árvore estava morrendo, e que todos iriam sofrer.

— Por que não acreditam? — preocupou-se o Peninha.

— Estão ocupadas com as cadeiras que fabricam e não conseguem pensar em mais nada!

— O que dizem? — o Peninha perguntou.

— Dizem que ainda não há uma casa especializada para análise das nossas anotações. Açam que precisam fazer gráficos, estatísticas etc., para saber se falamos a verdade.

— Então está complicado — o menino indígena sussurrou baixinho.

— Para piorar, dizem que precisam cortar ainda mais galhos para construir uma casa especializada, e só depois poderão analisar nossos números!

— Analisam as fábricas, mas se fazem de inocentes quando precisam analisar a natureza — o Peninha se entristeceu. Fechou os olhos, suspirou profundamente e pensou: “Não enxergar as próprias falhas, é como seguir sempre pelo mesmo caminho escuro, onde sempre se cai nos mesmos buracos. É cometer sempre os mesmos erros.”

Sensibilizado com o problema, aproximou-se da menina e desabafou:

— A ganância faz as pessoas pensarem que precisam de tantas coisas, mas na verdade, o corpo precisa de tão pouco.

Após algumas voltas pela colônia pensando numa solução, cheio de esperanças o Peninha propôs:



— A solução é simples, é só plantar novas árvores. Basta colher as sementes e plantar, depois, é só esperar que a natureza se encarrega de fazer o resto.

O Peninha colheu um fruto e ofereceu a ela, mas ela não aceitou, e falou:

— Não temos tempo de plantar nada por aqui!

— Por que? — o pequeno indígena perguntou.

— A tarefa de contar toma todo o nosso tempo — ela respondeu e voltou a contar.

O Peninha lembrou-se dos cavalos. São ótimos animais, mas quando andam com a viseira, só conseguem enxergar o que está na frente. Essa menina tem boa intenção, mas enxerga como os cavalos...

O Amigo Brilhante retornou, dizendo:

— Está na hora de voltar para a terra.

No voo de volta, o Amigo Brilhante o instruiu:

— Todos precisam aprender que o primeiro caminho para evolução é reconhecer a própria ignorância.

Quando o Peninha me contou sobre a Colônia das Crianças, observei que algo mais o afligia, sua face estava pálida.

— Fala-me, o que mais te aflige?

Sentou-se na relva e segurei suas mãozinhas, senti que estavam

geladas, apertei-as no meu peito, lentamente se amornaram com o calor do meu coração, ele então me falou:

— Eu sei! Um dia voltarei para lá e levarei as sementes que me deste. As crianças boas evoluirão e acharão tempo para plantar muitas árvores e as minhas sementes, mas, se tiver alguma semente má, as árvores estarão em perigo, então, pensarão que eu sou uma criança má.

— Não te preocupes, também virão as flores e saberão da tua boa intenção. Elas terão que aprender a respeitar cuidando das flores, caso contrário, terão que sofrer com as ervas daninhas.

Capítulo XIV O Perigo das nuvens

Às vezes eu me cansava e parava um pouco de trabalhar para descansar, aproveitava para olhar as nuvens. Numa tarde, o céu estava tão lindo... cheio de nuvens brancas que formavam figuras como se fossem bichinhos de algodão. Fiquei admirado com aquela beleza que flutuava.

Mesmo não querendo sonhar com coisas que não fossem reais, a



beleza era tanta, que mesmo sem querer sonhava um pouco escondido: imaginava estar caminhando sobre as nuvens. De repente, ouvi a voz do Peninha:

— Onde estás? — ele voltava por uma calçada nova de uma trilha que eu tinha construído, mas que eu havia lhe mostrado, para que se guiasse. Era um novo caminho: novos caminhos são novos desafios! Nem todas as pessoas gostam de desafios, é por isso que os novos caminhos não são para todos os caminhantes.

— Estou à tua frente admirando as nuvens — minha voz estava macia de alegria.

— Eu amo as nuvens. Vamos brincar no arrebol?

— O que é arrebol? — era uma palavra estranha para mim.

— É um momento muito especial de uma nuvem.

— Nuvem tem momento especial?

— Sim, quando ela fica emocionada com o Sol. Há dias em que o Sol está tão maravilhoso, que a nuvem fica da cor do fogo por causa de seus raios.



Encantei-me com a explicação, mas, em segredo, pensei: Jamais alguém acreditaria que uma criança cega de nascença me ensinou o que é um arrebol. Se eu falasse, certamente me chamariam de sonhador, talvez de mentiroso.

As pessoas podem aprender muito com a doçura das crianças.

— Não dá para brincar em nuvens, não passam de vapores — falei com rudez, para mim era claramente impossível brincar em nuvens.

Ele sempre pressentia o que eu tinha no coração, sabia que eu ainda continuava rude, por isso, com pena de mim, respondeu:

— Eu me esqueci, tu não podes mesmo voar! Além disso, eu só voou com a ajuda do meu Amigo Brilhante.

— Gente não tem asas para voar, ninguém voa. — falei.

— Como pude esquecer que tens o coração amarrado? Tu és um adulto, e os adultos dificilmente podem voar.

Eu me arrependi por ter sido tão rude. O arrependimento sempre é

útil, porque transforma um erro em aprendizado. Devia ter entendido, para ele era possível brincar nas nuvens, por causa do Amigo Brilhante.

Um dia fiquei perturbado com aquela história sobre os voos: se ele voa com o Amigo Brilhante à noite, como pode ver no escuro?

A custo compreendi que na Terra só é escuro do lado oposto do Sol, além disso, o próprio Amigo Brilhante iluminava os caminhos e tinha o poder para levá-lo até outros mundos, onde é dia o tempo inteiro.

Um Ser de Luz é rápido como o pensamento, basta pensar em ir ao outro lado do mundo ou a outros planetas e a viagem não demora mais que um segundo.



— Toda criança gosta de brincar com as nuvens, algumas brincam na terra olhando para elas, outras vão ao céu. Às vezes, brinco para desabafar; outras, para sair da escuridão... — explicou, fazendo-me lembrar que quando o Amigo Brilhante o levava, podia ver.

— Como não caís no chão? — era outra dúvida que me afligia. Lembrei que os paraquedistas sempre descem ao chão, quando encontram alguma nuvem, passam direto por ela, nunca conseguem andar nelas.

— Porque tenho fé no Amigo Brilhante. Uma vez ele contou que

sempre tenta fazer os homens voararem, mas por causa da pouca fé, poucos conseguem chegar ao teto da casa, pelo medo de cair. A maior dificuldade está dentro de nós.

Muitas felicidades se tornam impossíveis, só por causa do medo de cair.



— Do que brincas?
— continuava difícil entender como seriam as brincadeiras em nuvens.

— É preciso muito preparo, é uma das maiores delícias da vida, mas depois fica perigoso.

— Disseste ter fé!
Vacilas de vez em quando?

— As nuvens são moles, posso modelar o que eu quiser. No começo eu modelava brinquedos, corações, flores... depois vieram os castelos, as coroas, as joias...

— Não vejo nenhum perigo nisso! Se tens fé, é como fazer castelos na areia da praia — eu só via brincadeira inocente de criança.

— Como tu és despreparado para brincar em nuvens. Tu és um homem, mas parece um peixe no aquário, que passa a vida inteira dentro de uma caixa de vidro vendo o mundo ao redor, mas pensa que tudo que está lá fora são apenas miragens, porque não consegue sair de seu mundo de vidro.

Fiquei profundamente chocado, não questionei mais nada, apenas esperei que ele voltasse naturalmente a contar mais:

— Uma vez demorei muito tempo modelando um castelo, depois um trono, depois um cofre... Logo, não estava mais satisfeito e modelei outro castelo, mais cofres, até que não queria mais parar de modelar, achando-me muito rico. De repente, apareceu o Amigo



Brilhante dizendo: “Está na hora de abandonar tudo e voltar para casa!”

— O que pensaste? — ele transpirava muito.

— Foi uma das mais difíceis decisões da minha vida, não queria deixar minhas riquezas modeladas com tanto trabalho.

— Sofreste tanto assim para modelar?

— Sim, mas todo o meu tesouro não passava de nuvens. Por isso, alerto as crianças: nunca se apeguem às riquezas modeladas nas nuvens. Depois veio uma ventania e espalhou tudo. Chorei e sofri muito! Este é o perigo das nuvens! Isso não deixa de ser uma espécie de queda.

O Peninha saiu mansamente com sua varinha de bambu e, até o entardecer, pensei muito sobre os perigos das nuvens.

Quando a primeira estrela apareceu, entendi: a verdadeira riqueza nunca é destruída pelas coisas passageiras, pois a verdadeira riqueza está no espírito.

Capítulo XV

O Lar do Jardim e a Fadinha Princesinha

O Peninha era capaz de saber quando se aproximava de alguma flor, podia reconhecê-las só pelo perfume.

Nas manhãs, as cumprimentava — Bom dia, Cravo! Como vai, Lírio? Olá, Orquídea! Eu amo vocês...

— As flores exalam o perfume que está dentro delas mesmas — numa certa ocasião, o Peninha me falou.

— Isso é um dom — respondi sorrindo, senti que falei algo lindo.

— Nós devemos ser como as flores, sermos reconhecidos pelo perfume do nosso coração — o Peninha concluiu.



Numa noite ele conheceu um dos lugares mais lindos do universo, o Lar do Jardim. Um imenso jardim com flores amarelas de várias espécies, onde é primavera o tempo inteiro.

— Parece um tapete de pétalas — disse o Peninha ao chegar.

O menino indígena

ficou deslumbrado com aquele lugar. Desceu lentamente para não machucar nenhuma flor, deu alguns passos macios apreciando intensamente a beleza. Inesperadamente ouviu um lindo canto, tinha uma harmonia que fez sua alma sonhar, como só os mais lindos cantos de amor fazem sonhar. “Será uma espécie de flor que canta?” Imaginou surpreso.

Seguiu em direção ao canto, porém, depois de alguns passos, o canto se transformou em tristes soluços. Chocado com a repentina mudança, gritou:

— Quem está triste? Por que cantavas e agora soluças?

Houve somente silêncio, só alguns sussurros dos ventos balançaram o seu cocar dourado como ouro.

Quem está triste? — repetiu. Olhou para os lados querendo descobrir quem era, mas não avistou ninguém.

Continuou em direção ao soluço, de repente, foi repreendido:

— Espera! Não te aproximes... — ouviu uma voz que vinha do interior dos girassóis.

— Ah! Desculpa — o Peninha paralisou de susto.

— Preciso de tempo para me acalmar! — Era uma voz meiga, embora expressasse tristeza. Parecia ser de uma menina.



Ela enxugava as lágrimas, mas vinham outras, demorava para se controlar. Passou muito tempo e o Peninha já estava impaciente. “Talvez seja uma flor muito tímida”, pensou. Sentou-se numa pedra porque já estava cansado. A demora era tanta que pensou em partir.

Nunca prolongues demais a tua ausência, para que alguém não sinta que pode partir sem ti.

Enfim, ela anunciou que estava chegando:

— Agora estou pronta! Não te aproximes muito, posso não suportar e chorar novamente.

“Uma flor que anda?” O Peninha estava perplexo.

Quando ela se aproximava, um doce perfume surgia, tornando-se

cada vez mais delicioso. O Peninha tremia, a expectativa era grande, havia esperado tanto tempo... Não conseguia imaginar uma flor que anda, por causa da raiz.

De quem seriam aqueles soluços? Ele não sabia, sabia apenas que seu coração pressentia que algo muito importante estava para acontecer.

Quando seu coração já não aguentava mais, surgiu do meio dos girassóis algo fabuloso! Estava diante de uma fabulosa menina. Ela tinha um rosto que brilhava, parecia ter a idade dele.



— Perdoa-me pela demora — ela falou timidamente.

Veio com um vestido prateado, lembrava o brilho de um luar, bordado com as pérolas perfeitas dos mares azuis.

Esperou o momento do arrebol para aparecer, pois sabia que a réstia avermelhada esconderia as marcas das lágrimas. Parecia que o universo inteiro havia se transformado em ouro.

— Sou da Terra — falou o Peninha, ainda sob forte emoção.

“Como será que ela veio parar aqui?” Pensou.

Ela não falava nada, apenas sorria.

— Quem és? — o Peninha perguntou admirado.

— Sou a Fadinha Princesinha — respondeu e esfregou os olhos.

Pela beleza, parecia mesmo ser uma fada, mas estranhou o fato de não ter asas de libélula.

— És uma fada estranha! — o menino falou, ela baixou a cabeça.

— Sou Pena Dourada, mas também me chamam de Peninha! Quando a surpresa é grande, faltam palavras para dizer o que sente o coração. Vamos brincar?

— Eu não sei brincar — respondeu a Fadinha Princesinha.

— Vamos voar! Mostra-me este lugar? — o Peninha pediu.

— Também me esqueci como voar, só penso em cantar.

— Não entendo, qualquer criança sabe brincar, até os bebês brincam sozinhos, e todas as fadas sabem voar.



— Mas eu me esqueci — ela falou, depois sentou numa pedra junto aos girassóis.

— Basta deixares o coração sonhar. Por que só queres cantar?

— Canto para esquecer do relógio — e voltou a cantar para disfarçar, pois estava quase chorando.

A história dela era comovente. É a mesma de milhões de crianças na Terra.

Onde ela vivia na Terra, tudo estava indo bem, havia tempo para brincar, sonhar, conversar, passear, sorrir, ser feliz... As crianças viviam felizes e brincavam com as fadinhas, até que os homens inventaram um relógio complicado, foi aí que descobriram que precisavam usar todo o tempo para cuidar da plantação dos louros.

É um relógio grudento, gruda em tudo: nos braços, mãos, pernas, cabeças, mesas, televisões, paredes, ruas, carros e ônibus... As pessoas ficaram sufocadas, o pior é que com o tempo, todos acabaram achando que era normal.

A Fadinha Princesinha sempre pedia que voltassem as horas felizes,

que os pais vivessem mais com os filhos, mas ficavam somente olhando para o relógio.

Sumiram as horas de os pais brincarem de bola, contarem histórias, almoçarem no quintal, brincarem com o cachorro, plantarem rosas, olharem estrelas... Os ponteiros sempre marcam horas vazias, cabe a cada um preenchê-las com horas de felicidade.

A Fadinha Princesinha se entristecia a cada dia com a falta de crianças para brincar nos parques, nos jardins... Os pais não contavam mais histórias e todas as fadas estavam quase morrendo, esquecidas. Antes que ela acabasse morrendo de verdade, voou para o Lar do Jardim para refletir, para que evoluísse e tivesse coragem de viver.



O problema é que achou tudo tão belo e não quis mais voltar, escolheu ficar num lugar solitário e cantava sem parar para esquecer. A tristeza foi tão grande que parou de voar e as suas asas atrofiaram.

Um Ser Invisível Brilhante viu sua tristeza e sempre a convidava para voar, mas ela só queria cantar para esquecer. Ela a chamou de Rosa Brilhante, porque era uma linda jovem que brilhava intensamente, toda vestida de cor-de-rosa.

— O sofrimento amarrou teu coração — o Peninha sussurrou com profunda ternura. — Os pensamentos tristes são como as ervas daninhas, se não arrancá-las, acabam com as flores.

E houve silêncio entre as flores. A Fadinha Princesinha estava com os olhinhos cheios de lágrimas, mas deu um discreto sorriso e falou:

— A maioria das pessoas acredita que sabe viver bem. Passam a vida inteira pensando e falando dos louros, mas esquecem dos afetos.

— Devemos cuidar do que temos dentro de nós — disse o Peninha. — Em todas as guerras, as primeiras armas lançadas são os pensamentos, depois as palavras.

Dos olhos dela, escapou devagarzinho uma lágrima. O Peninha quis evitar que se entristecesse mais, então a aconselhou:

— Decide ser feliz. Quero que saibas que a felicidade é uma decisão que tomamos.

Ela se tornou muito solitária, e a solidão deixa o coração sensível e a alma carente.

— Tu és um homem, tenho medo dos homens! Eles se esqueceram das horas dos afetos. — Disse a Fadinha, escondendo o rosto com uma folha de girassol. Ela era vaidosa, não queria que o Peninha a visse chorar.



— Não sou um homem, sou uma criança — respondeu docemente, fingindo não perceber para não humilhá-la.

— Tenho medo de ti mesmo assim! — sussurrou a Princesinha, porém, alguns soluços não conseguiu disfarçar.

— Tu és uma fada que canta lindo como ninguém, mas no teu canto falta a doçura da felicidade. Sinto que tens medo de amar e sonhar. Amar é uma atitude de coragem, é não ter medo de conhecer o sabor do coração. Só quem ama conhece o sabor do coração.



O Peninha decidiu dar o que tinha de mais precioso: o afeto. Ele queria sentir o sabor do seu próprio coração.

— Amar, muitas vezes nos custa algumas lágrimas — murmurou a Fadinha Princesinha.

— Porém, mesmo diante das lágrimas, nosso coração nunca deixa de amar — o Peninha respondeu.

— É sempre assim! Sempre a pessoa que amamos, um dia tem que ir embora, então, é como se todas as estrelas do universo se apagassem e ficamos iguais a um vaga-lume na escuridão — e a Fadinha virou-se de costas.

Ele tocou levemente os cabelos dela e a fez pensar nos vaga-lumes:

— Quanto maior a escuridão, mais forte se vê o brilho de um vaga-lume. Assim é o amor, não há sofrimento que o apague — e reclinou a cabeça. Colocou as mãozinhas no próprio peito, pois sentiu que seu coração batia muito forte.

A Princesinha virou-se lentamente e viu que os olhos do Peninha brilhavam. Ele sorriu deliciosamente e exclamou:

— Meus olhos refletem o brilho do teu rosto.

Ela cantou um pouco, talvez, começasse a se sentir feliz.

— Você sabia que o coração de todas as pessoas foi criado incompleto? — perguntou o Peninha.

— Incompleto? — ela ficou surpresa. — Como assim?

— Foi criado, mas, faltando um pedaço! — exclamou.

— Que engraçado! Onde está a outra parte? — ela ficou pensativa.

— No coração de outra pessoa. Sempre nós fazemos parte de alguém, e sempre alguém faz parte de nós.

Enquanto ela ainda pensava, o menino indígena prosseguiu.

— É por isso que sentimos necessidade de afeto, nosso coração sente falta da outra parte. A pior morte não é quando deixamos de viver, mas

quando deixamos de amar.

— Então, o amor é um mistério? — perguntou a Fadinha.

— Sim, o mistério do amor é maior do que o mistério do universo.

Ela fechou os olhos para pensar, embora continuasse com medo de sentir o sabor do próprio coração.



Depois, num suave caminhar a meiga fadinha se escondeu nos girassóis.

O menino indígena observou que uma nuvem tinha acabado de chegar, voou rapidamente e modelou o rosto dela e bradou:

— Modelei teu rosto nas nuvens, mas também modelei no meu coração, agora tu fazes parte de mim.

Ela ouvia os doces ecos no interior dos girassóis, não sabia se sorria, se chorava ou se saía. Tentou voar, mas não conseguiu, suas asas ainda estavam atrofiadas. Ele prosseguiu:

— As nuvens vêm e vão, desaparecem, mas o que é marcado no coração fica para sempre. Quando criamos afeto, não precisamos mais dos olhos para ver o que há no coração. O mais importante, o coração sente.

Depois de tanto tempo, ela foi lembrando lentamente o sabor do próprio coração. Ela saiu de mansinho, sorrindo e brincaram sobre as flores. Apareceram as borboletas e os beija-flores. Conheceram todos os sorrisos e lágrimas um do outro.

Todas as flores sorriram e exalaram o perfume mais delicioso que puderam.

Ela cantou a Canção Mágica das Fadas: uma canção que fala do luar sobre a mata, refletindo no orvalho das flores. Que cai como lágrimas de prata, pelos ventos encantadores.

— São os afetos que fazem a vida valer a pena — disse o Peninha repleto de felicidade. — Sinto que no teu canto tem felicidade, agora está mais fácil voltares a voar!

— Tenho medo de cair! — a Fadinha gelou.

O Peninha segurou com firmeza sua mãozinha, levou-a num pequeno voo para encorajá-la, mas ela sentiu medo.

— Desce-me ao chão, por favor! Tenho medo de cair.



Suavemente o Peninha a trouxe ao chão, pois sempre devemos respeitar os limites de quem amamos.

E na segurança do chão a Princesinha cantou, sorriu... Seus sorrisos se espalharam pelo universo inteiro. Quando damos um só riso de felicidade, os ecos se espalham pelo universo inteiro, deixando todos os astros mais iluminados.

O Peninha colocou horas de felicidade no relógio dela. Foi como se o tempo parasse e somente aquele lindo lugar existisse no universo inteiro.

Desde que o Peninha chegou, tinham decorrido muitas horas, embora não se percebesse.

Uma luz apareceu no alto, tornando-se cada vez mais forte. O menino indígena reconheceu o Amigo Brilhante que voltava.

— É hora de voltar — disse o Ser de Luz comovido com os dois.

Dos olhos do Peninha saíram duas lágrimas. Desceram devagarzinho até a boca e ele sentiu o sabor das lágrimas.

— As lágrimas têm o sabor do coração! — o Peninha exclamou.

— Eu sabia que seria assim — a Fadinha falou. — Mas fiz uma escolha.

— Achas que fizeste a escolha certa? — o Peninha perguntou.

— Quando se escolhe o coração, a escolha é sempre certa — ela empalideceu, desejando que a felicidade que viveram ficasse para sempre.

— Quando se ama, todas as lágrimas se transformam em sorrisos de amor — falou o Peninha, deixando escapar uma lágrima.

Estava difícil voltar, mas sabia que muito tempo longe do Amigo Brilhante enfraqueceria e voltaria a ficar cego. Pensou: “De que adiantaria? Um cego não poderá ajudar uma Fada que não consegue voar.”

Antes de partir, decidiu revelar sua busca:

— Preciso partir em busca da luz, mas, quando conseguir a iluminação, voltarei para te ajudar a voar para as alturas.

— Mas, se um dia eu tentar voar e me perder, não saberás jamais onde estarei — a Fadinha temia que se perdessem para sempre.

— Não te preocupes, o coração sempre acha — ele queria que ela entendesse que o amor constrói um laço que não se arrebenta jamais. Podem mudar os pensamentos, mas sempre há laços.



— Se eu não te vir partir será mais fácil enganar meu coração. Ele pensará que tu estarás escondido em algum lugar. Terá somente as marcas boas e não a lembrança de tua partida. Se tens que partir, vai depressa, antes, deixa eu me esconder nos girassóis.

Despedidas sempre são delicadas, o menino fechou os olhos, ela prosseguiu.

— Se meus olhos não virem tua partida, meu coração guardará a doce dúvida, e ela me consolará. Não estou preparada para despedidas, deixa-me pelo menos ficar com a dúvida.

Aproveitando-se da ausência dela, ele partiu.

Ao regressar para a terra, o Amigo Brilhante, que sabia de seus sentimentos, o confortou:

— Não fiques triste porque ela não voou. Deste felicidade, mas ela precisa de tempo para aprender a voar novamente. Ela tinha medo de amar, mas por causa do teu afeto, conseguiu desamarrar o coração.

— Ela voltará a voar? — o Peninha enxugava os prantos.

— Aos poucos exercitará as asas, assim como um pequeno pássaro que se prepara para abandonar o ninho, até que se fortaleçam e tenha coragem para dar um salto para o alto.

Quando o Peninha já estava deitado na rede, antes que o Amigo Brilhante fosse embora, abriu seu coração:

— Quando alguém ama uma Fada solitária que perdeu a força para voar, e que ficou presa num imenso jardim, sentir o perfume de uma única flor, é o suficiente para que se lembre dela.

O Peninha esfregou os olhos porque se viu novamente na escuridão do mundo, deu um longo suspiro e prosseguiu:

— Quando a saudade dela fizer meu coração doer, olharei dentro do meu coração e ouvirei seus soluços e seus cantos. Eu sei que minha Fada me chama, ela me espera... mas, se ela for embora, seria como se todas as flores do mundo murchassem e perdessem o perfume. Para mim ela é uma fada de verdade! Dei afeto a ela, por isso está para sempre no meu coração. Quando eu sentir saudade e tristeza, olharei para dentro do meu coração só para vê-la.

Capítulo XVI **O Mentiroso do Cometa Rastros**

Havia noites em que o Peninha estava triste e o Amigo Brilhante aparecia apenas para confortá-lo, sem levá-lo para lugar algum. Muitas vezes desabafava, outras, o Amigo Brilhante ensinava-lhe os segredos do espírito, dos mundos e do universo.

— Os cometas são um dos mais belos astros da criação! — numa noite ensinou-lhe o Amigo Brilhante. — São grandes pedaços de gelo ou rocha que viajam pelo espaço. Os raios do Sol fazem com que se desprenda uma espécie de nuvem, formando uma cauda de milhões e milhões de quilômetros.

O Peninha se impressionou, passou a desejar um dia poder viajar pelo espaço, no corpo do astro viajante.

— Leva-me a um cometa? — até aquele momento, talvez, fosse o lugar mais longe que desejou conhecer.

— Mas é preciso esperar quando algum esteja passando perto da Terra. — Observou o Amigo Brilhante.



— Esperar? Se és tão poderoso, podes ir para qualquer lugar, por que esperar?

— Tens razão, meu anjinho das matas, eu posso ir, mas esqueceste que tu és da Terra? Tens um corpo pesado demais, mesmo sendo uma criança.

O Peninha analisou a própria condição, entendeu que precisava evoluir para que o seu corpo mais leve pudesse ir mais longe. O Amigo Brilhante o consolou:

— Tuas viagens não passaram dos Mundos Invisíveis ao redor da Terra, mas para conheceres um cometa é preciso preparar teu corpo. Além disso, o cometa precisa estar perto da Terra, pois não aguentarias uma viagem rápida demais. Quando se quer ir mais longe, é preciso preparação.

Houve uma noite em que o Cometa Rastros estava na posição mais próxima da Terra e o Amigo Brilhante comunicou que era hora da viagem.



— Cuidado com o que ouvirás! — advertiu o Amigo Brilhante.

A viagem foi longa, ao chegar estava exausto. Sentou-se numa das pontas e deslumbrou-se com a maravilha da cauda de milhões e milhões de quilômetros. Chegou a pensar em fazer como a Fadinha, ficar para sempre ali para se esquecer dos

problemas, mas resistiu. É fácil se esquecer das obrigações, se a gente ficar pensando apenas nas delícias do mundo.

No início achou fascinante, mas logo se sentiu num mundo frio e deserto. Quando nos sentimos num mundo frio e deserto, rapidamente vem a necessidade de encontrarmos amigos.

Andou sem rumo, pois quando não se sabe aonde ir, não se está preparado para nenhuma das direções.



Os caminhos eram difíceis, o frio intenso e o chão de gelo escorregadio. Quando pensava em voltar para casa, viu uma enorme sombra; escondeu-se atrás de uma pedra. Ouviu alguns gritos que ecoavam nas pedras de gelo:

— Quem está aqui?... Aqui?... Aqui?...

Tremeram as suas pernas, mais pelo medo do que pelo frio.

— Sou Pena Dourada, mas também me chamam de Peninha — respondeu suspirando, não conseguiu esconder o pânico.

— Pela voz percebo que és uma criança! Sou o dono deste cometa, não suporto que cheguem sem avisar, posso estar desprevenido. Como és uma criança, vou deixar passar.

— Perdoa-me, pensava que nos cometas não existia ninguém — o Peninha procurou se explicar.

— Pensaste errado! — respondeu a sombra autoritária.

— Pelo tamanho da sombra, és um homem bem grande — o Peninha disse, tentando convencê-lo a se apresentar.

— É isso mesmo, sou a maior espécie de homem do universo — falou a sombra com orgulho.

— Nunca vi um homem tão grande, gostaria de conhecê-lo — o Peninha arriscou pedir.

— Sou muito grande para me revelar — a sombra respondeu.

— Por que não podes? — o Peninha não entendeu.

— Não tem um porquê, apenas não posso — a sombra gaguejou.

— Tens vergonha?
Escondes algo? — o Peninha o provocou.

— O quê? Eu? Não! Tu me desafiaste, mostrarei minha coragem. Já que estamos a sós, vou confessar que escondo um segredo! — a sombra falou ofegante.

— Qual segredo? — o Peninha ficou curioso.

— Conheces o mistério das fogueiras? — a sombra perguntou.



— Agora deixaste minha cabeça ainda mais confusa – respondeu o Peninha. — Explica-me.

— Quando eu me apresentar, não precisarás de explicações, entenderás facilmente — falou a sombra.

O dono da sombra saiu detrás da pedra e o Peninha ficou surpreso: viu um homem muito pequeno, ainda menor do que ele, apesar de ser uma criança:

— Como um homem pequeno formou uma sombra tão grande?

— É simples! Formou-se quando eu estava perto da fogueira.

— Explica melhor.



— Não sabes? Quanto mais perto ficamos de uma fogueira, maior fica nossa sombra.

Então o Peninha pensou: “Ao ver uma sombra gigante, primeiro devemos descobrir onde está a fogueira, pode ser que a sombra seja de um pequenino.”

— Por que gostas de sombras grandes? — o menino procurou entendê-lo.

— Eu sou pequeno, mas gosto de parecer grande para os outros, por isso mostro apenas a minha sombra. Fico escondido, assim, fica fácil mentir.

O Peninha ficou decepcionado e o homem pequeno prosseguiu:

— Eu preciso manter acesa esta fogueira, caso contrário, todos descobrirão que sou pequeno. Já cortei todas as árvores, preciso de mais lenha para não deixar a fogueira apagar. Se não tiver ajuda, estarei liquidado.

— O que queres?

— Que tragas lenha para manter acesa a fogueira.

O Peninha se lembrou da advertência do Amigo Brillhante: “Cuidado com o que ouvirás”. Não basta apenas lembrar das boas palavras, é preciso praticá-las.

O Peninha o censurou com severidade.

— Não se pode viver mentindo, devemos amar a nós mesmos, mostrar aos outros o que somos e não nossa sombra.

O homenzinho ficou irado, gaguejando, retrucou.

— Eu preciso de lenha, isto é sério. Além disso, o cometa também precisa desta fogueira, pois mantenho a sua cauda com a fumaça. Se a fogueira se apagar, o cometa ficará sem cauda.

O Peninha viu que a fumaça era tão fraca que logo desaparecia. Observou que não era aquela simples fogueira que formava a cauda do cometa de milhões e milhões de quilômetros. Ficou profundamente magoado com tantas mentiras. Às vezes, é difícil diferenciar verdade da mentira, mas com tempo se revela. A mentira é como barro misturado na água, com o tempo, o barro desce para o fundo e aparece.

— Dei ouvidos às tuas mentiras! É preciso reconhecer as próprias falhas, para não cometer outras...

O homenzinho calou-se, mas pensava em outra mentira.

O Peninha deu-lhe as costas e murmurou:

— Passamos uma vida inteira para construir a felicidade, mas para fazer uma tristeza, basta um segundo.

O mentiroso não se incomodou com a tristeza que causou, e logo continuou a esbravejar:

— A fogueira era só para disfarçar o que eu sou de verdade, sou um Mago. Criei este cometa com a magia do fogo. Se não acreditares em mim, eu te transformarei numa cenoura.

O Peninha voltou seu olhar para ele e disse:

— Os homens sempre estão dispostos a mentir tudo aquilo que os envergonha. Sinto piedade de ti, porque a verdade te parece impossível, mas é difícil ajudar as pessoas que não ajudam a si mesmas.

— Onde está a verdade? — perguntou o homenzinho.

— A verdade e a mentira estão em toda parte! — respondeu o Peninha. — Por que mentes tanto?

— Porque tenho medo da verdade.

— É preciso ter coragem para amar a verdade.

Na volta, o Amigo Brilhante revelou a história do mentiroso. O homenzinho mentiu no seu planeta pela primeira vez quando era criança e achou engraçado, depois continuou a mentir sem parar, até que se esqueceu do que era verdade. Depois foi se tornando cada vez menor, porque a mentira foi desgastando o seu corpo.

— E como ele foi parar no cometa? — o Peninha perguntou ao Amigo Brilhante.



— É um mistério, pois ele contou muitas coisas diferentes.

Na verdade o Amigo Brilhante sabia como foi parar no cometa, mas não revelou para não dar importância às mentiras, apenas falou:

— O mentiroso quis ir ao cometa, porque eles viajam às longas

distâncias e ele planejou: “quero viajar de graça espalhando minhas mentiras por todo o universo.”

A pior derrota é a falta de coragem para lutar contra um defeito.

O Amigo Brilhante pediu ao Peninha que olhasse para o rosto do mentiroso. O menino ficou impressionado, pois o rosto estava se apagando, sumindo... O Amigo Brilhante concluiu:

— De tanto que mentiu, acabou esquecendo a si mesmo, do próprio rosto e da própria identidade. Precisar­á falar muita verdade para recuperar o próprio rosto, e a si mesmo.

Capítulo XVII A Bolha



Dentre todas as viagens, a experiência mais curiosa foi a visita a uma bolha que vagava pelo espaço. Era uma espécie de redoma de cristal, desprendida de um mundo espiritual chamado Plásticos, no interior da qual, um cientista realizava seus estudos.

— Parece um ovo voador — o Peninha achou engraçado.

— Cuidado com os ovos! — alertou o Amigo Brilhante. — Em alguns, os seres morrem na casca; em outros, nascem seres dóceis; mas há os que nascem seres venenosos.

— Então a ciência é venenosa? — o Peninha se espantou.

— A ciência é como os ovos, pode ser boa ou má.

Quando o Peninha chegou, se apoiou em cima para não cair e a sentiu muito quente.

— Olá, posso entrar? — chamou muitas vezes, mas o cientista nada respondeu. Mediante a falta de resposta, entrou mesmo assim.

— Desculpa-me ter entrado, chamei muito, mas não me ouviste. Como está quente aqui... — e se abanou com as mãos.

O cientista o interrompeu rapidamente:



— Dificilmente ouço alguém. Não adianta falares muito, não posso tirar o olho deste fenômeno que estou estudando — e voltou a olhar para o fogo de uma vela, e escrevia sem parar.

— O que vês no fogo desta vela? — perguntou curioso.

— Que ignorância! Não é uma vela! — respondeu irado.

— Mas, para mim é uma vela — o Peninha ficou perplexo.

— Sou um cientista! Isto é um corpo cilíndrico combustível, para reação exotérmica de oxidação que emite radiação eletromagnética nas faixas do infravermelho e do visível. Oh! Empolguei-me e acabei te dizendo um segredo.



— Não te preocupes, não entendi nada! Sou Pena Dourada, mas me chamam também de Peninha.

O cientista, talvez, usando de fórmulas secretas para calcular a personalidade do Peninha, olhou para ele e disse:

— Pelas medidas dos teus lábios, pelas curvas dos teus olhos e pelo número dos músculos do teu sorriso, hum... a soma de tudo isto, o resultado é que tu és um bom sujeito. Como estamos a sós, eu te confiarei um segredo: Na verdade isto é uma vela, mas jamais direi em público, pois me chamariam de sonhador, tenho que manter a minha posição.

O Peninha sentiu piedade dele: “Ele age como um sonâmbulo, só há grandeza quando há humildade. A ciência é útil, o problema é que os homens se transformam por causa dela.”

Aquele homem viveu dentro do seu mundo de cristal por tanto tempo, nem viu que ficou velho, nunca viu uma estrela: Não adianta estarmos dentro de uma redoma transparente no meio do espaço, se não olharmos para o alto, jamais conheceremos as estrelas.

— Ainda não falaste, por que olhas para esta vela? — o Peninha perguntou, pois esperava que estivesse estudando algo útil para as crianças.

— Estudo os segredos do fogo para criar uma estrela — respondeu com orgulho.

O Peninha pensou “quanto maior é o orgulho, menor é o coração”. E calou-se por um instante, pois o cientista não se importava com palavras sensíveis. Relembrou os ensinamentos do Amigo Brilhante sobre as estrelas:

“As estrelas são astros grandiosos, criados pelo Grande Criador e seus Anjos de Luz, são impossíveis de serem criados pelos homens imperfeitos.” A verdadeira sabedoria é reconhecer que somos pequenos diante do universo e, ao mesmo tempo, tão importantes quanto as estrelas.

— O que descobriste sobre as estrelas? — o Peninha estava na expectativa de ouvir grandes revelações.

— Nada! Ainda não terminei de decifrar os mistérios do fogo desta vela — respondeu envergonhado.

— Acho que não irás além de criar uma lamparina — o Peninha respondeu descrente, escondendo um sorriso com as mãos.

— Meu tempo é curto — desculpou-se o cientista — parte do tempo eu estudo, a outra parte penso nas glórias que desejo receber.

O cientista olhou tanto para o fogo da vela, que nem percebeu que há muito tempo a bolha tinha se soltado do mundo espiritual Plásticos. Nem sabia que estava indo em direção de um buraco negro, o Peninha o avisou:



— Estás indo para um buraco negro.

— Onde estão teus cálculos? Como poderei acreditar numa criança? Como sou um cientista, vou ter que procurar os mapas, mesmo que atrase a minha estrela, só para te provar que estás errado. Quero ver tua vergonha.

O Peninha o deixou, pois ele precisava de silêncio para descobrir onde estava de verdade. Logo o Amigo Brilhante surgiu para trazê-lo de volta e aproveitou para instruí-lo:

— A descoberta mais bela não é criar uma nova estrela, mas aprender a enxergar as que já existem.

O Peninha, embora aliviado pela volta, disse melancólico ao olhar para trás.



— Seria melhor se ele pensasse: “criarei uma estrela para que o universo ganhe mais luz. Que a luz da minha estrela possa se unir às luzes do alto infinito”.

— Ele passa também por outro perigo — revelou o Amigo Brilhante.

— Qual perigo?

— De tanto que deseja ser igual ao Grande Criador, não percebeu que o calor da vela e mais alguns gases, penetraram no seu corpo quando respirava e

aconteceu uma triste transformação: transformou o seu coração, em um coração de plástico...

Capítulo XVIII **A Escada de Sofia**

O Anjo Amigo sempre vinha sorridente, mas em uma noite falava com gravidade: era o momento de o Peninha conhecer a Escada de Sofia.

Sofia era uma senhora muito velha, mas com a eterna aparência linda e jovem. Ela é a amiga da sabedoria. Quem quiser conhecê-la, antes é obrigado a passar por difíceis provas, para quem vencê-las, ela dá uma belíssima recompensa, o poder para enxergar o mundo muito mais longe.

Ela criou uma escada complicada, começa na terra, mas ninguém sabe onde termina. Os primeiros degraus são fáceis, à medida que sobem tornam-se menores e difíceis, até o ponto em que mal cabem os pés. É aí que vêm os ventos, a tontura, o medo de cair. É neste ponto que quase todos desistem.

Naquela noite, O Ser de Luz levou o menino para o primeiro degrau.

Sofia estava tão alta que não dava para decifrar o seu rosto, nem entender o que dizia.



- Queres ir até Sofia? — perguntou o Amigo Brilhante.
— Sim — o Peninha respondeu.
— Olha para o alto, o que vês?
— Ela brilha muito, parece uma estela distante.



O Amigo Brilhante sabia que a prova era difícil, com voz branda, porém séria, deu algumas instruções:

— Terás que subir pelo teu próprio esforço. Se venceres, ganharás para sempre a luz para teus olhos.

O Amigo Brilhante se calou um instante porque o Peninha estava tenso, porém, em seguida prosseguiu:

— O valor das coisas não está na dificuldade de consegui-las, mas na importância que elas têm no nosso coração. É por isso que existem as provas, pessoas inesquecíveis, momentos inexplicáveis e sentimentos incompreensíveis.

O menino transpirava como jamais tinha acontecido na sua vida, por isso o Amigo Brilhante, procurava encorajá-lo.

— Não te sintas só, terás que praticar o que aprendeste.

— Irás embora? — o menino hesitou.

— Não, porém não me verás, nem poderei te ajudar a voar. Se sentires medo, reprovarás. Onde está a tua fé? Terás que ser um sábio, saber onde estarão teus pés para não caíres no abismo, ser mais forte que os ventos para não balançares. Tudo parecerá estar contra ti.

O Peninha começou a subir. Sofia nas alturas o convidava, mas não o obrigava: ela nunca obriga ninguém a subir, mas sabe que um dia todos terão que passar pelas provas.

— Não está tão difícil como eu pensava — disse o Peninha.

— Todos dizem isso no começo — bradou Sofia nas alturas.

Após ter subido bastante, a voz de Sofia já era mais clara. Uma sábia que respondia às muitas perguntas do Peninha.

— Tu fazes muitas perguntas. É mais fácil perguntar que procurar as respostas — ela o advertiu com severidade.

Depois de atingida uma altura elevada, Sofia aproveitou para dar um ensinamento:

— Já avançaste bastante, minha criança! Agora senta um pouco na escada e olha para o teu próprio mundo. Olha para baixo e reflete em que lugar tu estás.

O Peninha deslumbrou-se, nunca tinha olhado antes para o próprio mundo.



— Que belo é o mundo! Vejo montanhas, campos e cidades, mas não consigo ver o interior das cavernas, nem o fundo do mar. Meu mundo é cheio de mistérios...

— Vejo que és sensível — Sofia elogiou. — Não sejas como a maioria dos adultos, que são insensíveis. Eles já se acostumaram com o mundo, não conseguem mais ver as belezas, nem saber onde estão, o mundo passou a ser banal. Nenhuma beleza os impressiona mais.

A subida era cada vez mais difícil. Quando se deu conta, estava alto demais e não havia nada em que se segurar, a não ser na própria fé. Cada degrau era um grande sacrifício. Tentou mais um degrau; as pernas tremiam, os braços amoleceram, tinha a sensação de que a escada balançava, estava

exausto. Por mais que olhasse para o alto, não via o final da escada.

O próximo degrau exigia muito equilíbrio, por medo, o corpo inteiro se desgovernou. Num pequeno movimento, escorregou e, em prantos se segurou na escada para não cair no precipício. Vendo-se incapaz de subir mais um só degrau, parou!



— Não consegui! — chorou profundamente.

— Onde está a tua fé? — ouviu a voz do Amigo Brilhante.

— Não tenho coragem de te olhar — respondeu envergonhado, escondendo o rosto.

O Amigo Brilhante o abraçou e o consolou.

— Ergue a cabeça! Foste corajoso porque aceitaste a prova. Um dia, quando evoluíres, vencerás, a escada sempre estará te esperando. A derrota não é cair, mas não tentar por medo do sofrimento.

O Ser de Luz enxugou suas lágrimas e o levou para terra firme.



Capítulo XIX

Como era a visão de Peninha?

Foi preciso muito tempo para eu entender que o Peninha conheceu muitos outros lugares, mas que eu não relatarei aqui. É que ele foi embora cedo e eu não consegui saber com clareza de todos os outros, por isso, achei melhor não mencioná-los, pois faltariam alguns detalhes importantes.

Chama-se amor o sentimento puro que me faz chorar, todas as vezes que me lembro dele... Um amor tão grande que eu não compreendo o motivo! Não sei se é por causa dos seus mistérios, pela sua beleza, suas palavras... Talvez por tudo isso, ou por nada disso. Por mais que eu pense, eu não sei: os motivos dos homens não podem explicar os motivos do coração. O amor explica a si mesmo! Amo, e isso é tudo.

Sempre me empenhei em descobrir os fatos da vida dele, um dia me vi diante de uma intrigante interrogação: a visão que o Amigo Brilhante lhe dava, seria igual à nossa, seria melhor ou de alguma forma diferente? Um dia, o interroguei.

— A visão que tens de noite, é igual à nossa?

— Como hei de saber? — falou melancólico.

Imediatamente, senti-me um tolo. Como pude esquecer? Se ele nunca enxergou com os olhos do corpo na terra, como poderia comparar as duas visões? Tentei me retratar:

— Perdoa-me, meu amorzinho! Fui mesmo um tolo.



Pensei muito em como poderia ser sua visão. As respostas, muitas vezes, encontramos dentro de nós. Eu me julgava possuidor de uma visão normal, mas por mais que eu me esforçasse, nunca pude ver um Ser Brilhante ou um Mundo Invisível. Nem sequer via a beleza das flores simples, nem as cores do arrebol...

Eu andava como se estivesse com os olhos tapados.

— Queria poder ver as coisas do alto — falei para ele. Talvez, esperando que pudesse me ajudar.

— É simples e, ao mesmo tempo, difícil — ele respondeu.

— Uma contradição? — não entendi o que ele quis dizer.

Ele virou o rosto em minha direção. Embora cego, senti como se me fitasse, quando disse, profundamente emocionado:

— Onde está a luz dos homens? O que eles veem? Parece que têm olhos de pedra. É triste ver que os homens crescem, mas se esquecem da pureza que tinham quando eram crianças e deixam de sonhar, ter fé e amar.

— Mas os homens sabem que já foram crianças — falei para me defender.

— Saber é fácil — disse ele — o que é difícil é voltar a ser doce. A parte fácil é o saber; a parte difícil é o sentir.

Pensei por longo tempo, então, compreendi a cegueira dos homens.

O Peninha permaneceu calado, talvez, dando tempo para eu compreender. Depois, ele deu um longo suspiro e concluiu:

— Os homens pensam que veem tudo, que sabem de tudo, mas perderam o poder de ver as coisas do coração. Os adultos sabem das aves, mas esqueceram o encanto dos cantos; sabem do arco-íris, mas não mais se alegram com as cores; sabem do brilho do arrebol, mas não conhecem a magia do crepúsculo... Se uma criança pedir que descrevam uma flor, eles têm de se esforçar muito para lembrar como são as flores.

Capítulo XX

Flores simples, as amigas do Peninha

A vida inteira do Peninha era viver nas matas, ele só tinha aquelas flores comuns para conversar. Elas escutavam seus desabafos, conheciam suas lágrimas.



O mais importante não é apenas conhecermos muitas flores, mas sim, quando elas passam a existir dentro de nós. Acho que a minha chegada perturbou aquela vida solitária e calma.

Um dia ele passou rapidamente pelo jardim e foi ao outro lado para se

encontrar com as flores simples. Aquelas que eu não havia cortado. Queria apenas ouvir a conversa das flores, abelhas e borboletas:

Cheia de mimo, uma flor formosa perguntou para a abelha:

— Por que fazes o mel?

A abelha, bela e orgulhosa, revela o seu mistério:

— Para termos um doce com o sabor do céu.

E uma borboleta, sentindo o perfume das flores, falou:

— Que lindas as tuas cores, que fragrância de amor, onde os anjos, em louvores, cantam com esplendor.

E o Peninha, a ouvir e sonhar, suplicava erguendo as mãos para o céu: “Oh, como eu queria poder enxergar o mundo.”

Quando eu soube do seu amor tão profundo pelas flores comuns, foi como se todas as flores do mundo chorassem nos meus ouvidos. Lembrei que quando eu cheguei, era um homem rude e cortei muitas flores que ele amava, não dei valor às coisas simples. Destruí suas amigas, com quem ele passava as tardes conversando, desabafando, sorrindo, cantando...

Lembro ainda, que quando o vi pela primeira vez, ele dizia: “Está tão silencioso aqui. Está diferente o perfume das flores”. Naquela manhã ele não ouviu mais as flores, havia silêncio no universo inteiro. “Onde estão as flores?” Ele se sentiu sozinho, sem amigos no mundo. O meu coração era como uma pedra fria e dura.

Capítulo XXI

A caverna escura



Numa noite de tempestade, o Peninha foi seriamente advertido pelo Amigo Brilhante sobre os esconderijos dos Trevosos na terra.

— Os Trevosos são seres malvados que vivem em Mundos Invisíveis escuros. Lá só há sofrimento e maldade.

Os esconderijos são cavernas feitas por eles na terra, para se esconder dos

homens. O Peninha foi avisado da existência de uma nos fundos daquelas terras.

— Lá eles se escondem — informou o Amigo Brilhante. — O perigo é que eles podem se transformar no que quiserem: numa cobra, num escorpião, numa linda mulher, numa pomba ou num baú de ouro, só para enganar os homens. Podemos reconhecê-los, pois são frios.

O Amigo Brilhante dava pausas para que ele compreendesse bem. Em seguida abordou o problema do mundo:



— É preciso se cuidar do frio do mundo, pois pode confundir os pensamentos. Os seres trevosos mentem nos ouvidos dos homens. A mentira que fere é como uma pimenta, por fora tem uma casca linda e brilhante como uma jóia, mas por dentro, é ardida.

— Eles são maus? — amedrontado, o Peninha perguntou.

— Sim. São eles que semeiam as plantas venenosas e as ervas daninhas, são eles que fazem as crianças e os homens brigarem.

Ele estava tenso no dia em que contou sobre aqueles seres tão maus.

— Sinto que minha luz está perto — certo dia ele me disse no jardim. Seu rosto estava pálido, sua voz penetrou em minha mente e gelou o meu peito. Sentia que algo terrível poderia acontecer.

— Não deves ouvir os assopros dos Trevosos, teu Amigo Brilhante te alertou e eu te digo: cuidado com eles — falei severamente.

Eu conhecia quando ele estava triste, naquele dia, algo me dizia que ele queria ficar só. Deixei-o que saísse pela mata, guiando-se pelas árvores, pedras...



Andou por caminhos conhecidos, porém, um grande buraco no meio

do caminho formado pela chuva o confundiu e seguiu por um rumo estranho, logo se viu perdido e, no meio da escuridão ouviu um grito assustador.

— Que queres na minha caverna? — a voz vibrava em seu peito como um trovão furioso.



O Peninha parou, não sabia quem era, a voz continuou

— Eis o que vejo, um menino perdido! Sabes quem sou eu?

— Não — respondeu titubeante.

— Sou eu que aponto os espinhos, amo as sombras, arrasto para os tortos caminhos. Podes me chamar de Pássaro Negro.

Era um dos seres Trevosos, mas eles nunca contam quem são de verdade, por isso, mentem algum nome.

Aquele Trevoso sondava os homens e sabia que o Peninha não enxergava, tentou convencê-lo:

— Eu tenho o poder para te dar a luz e te fazer voar.

— Onde está a luz? — o Peninha perguntou.

— Vieste ao lugar certo! Procurar a luz em meio à escuridão — respondeu o Pássaro Negro.

O Peninha se lembrou do Amigo Brilhante, das muitas coisas que aprendeu, e o desafiou.

— Como podes dar luz se vives nas trevas? — o menino indígena interrogou, mas o homem das trevas insistiu em convencê-lo.

— Eu vigio a vida dos homens. Sei que reprovaste na escada de Sofia, aqui te darei outra prova: entra na minha caverna escura e terás a luz para sempre, eu te farei voar.

— A luz não pode estar nas trevas — e tentou se afastar.

— Se fores embora, perderás a chance de realizar todos os teus sonhos — ele falava muito para confundi-lo.

Quando passamos por alguma dor intensa, precisamos ter muita fé para não darmos ouvidos às palavras enganosas.

Ele estava demorando para voltar ao jardim e eu já me preocupava. Pensei: “Talvez foi visitar as flores simples da mata, o perfume sempre lhe traz lembranças da Fadinha.”

Não pude suportar a longa espera, saí a sua procura. Quando o vi, ao longe, estava a um passo de cair num precipício. Soltei um grito desesperado!



— Não caias, meu anjinho! — corri a tempo de segurar seus bracinhos, quando começava a deslizar.

Extremamente abalado o levei para o jardim.

Rapidamente a noite chegou e o Peninha seguiu em direção a sua morada. Certamente o Amigo Brilhante apareceu para guiá-lo no rumo certo.

Chorei muito! O medo de perder quem amamos é a pior de todas as dores.

Capítulo XXII

O casulo no pé de laranja lima

No dia seguinte, ele veio, aproximou-se de um pé de laranja lima e bateu os galhos procurando um fruto.



Quando se quer um fruto que está numa árvore espinhenta, temos que ir com cuidado para não nos ferirmos.

É difícil para uma criança cega tatear uma árvore espinhenta: assim é o mundo, uma árvore cheia de espinhos! Às vezes, ele sentia dor pelos espinhos, mas naquele dia, sentiu nas mãos algo macio.

- Ai! Não me aperta! — ouviu um grito de dor.
- Ah! Desculpa. Onde estás? — o Peninha hesitou.
- Aqui dentro — respondeu a voz mais calma.
- Dentro do que? — ainda não sabia quem falava.
- Estou dentro daquilo que apertaste.

— Não posso ver, só sei que senti algo macio nas mãos.

— Então te faço saber: sou um casulo. Antes eu não passava de uma larva que rastejava pelo chão, mas agora estou me preparando para ser uma linda borboleta, vou ser livre e feliz.

O Peninha ficou curioso e pediu que aquele ser explicasse a transformação, o casulo se alegrou e começou a explicar:

- As borboletas deixam



seus ovos nas árvores e, após algum tempo, nascem as larvas. Primeiro, as larvas são como crianças, depois ficam velhas e cansadas, sentem necessidade de se libertar daquele corpo pesado, depois se fecham dentro de um casulo para se transformar em lindas borboletas.

— Queria ser como as borboletas — o Peninha falou fascinado.

— Logo serei livre — o casulo continuou — este casulo parecerá algo morto, mas não de verdade. Quem vê um casulo abandonado numa árvore, vê apenas uma casca.

O Peninha entendeu a lição e sussurrou para o casulo:

— Serei como uma borboleta, todos pensarão que estarei morto, mas não será verdade.

— Logo farei um voo para as alturas — o casulo prosseguiu. — Pelo perfume da tua voz, sinto que tu és puro, sinto também que estás pronto para voar para as alturas, tu mereces morar num mundo cheio de luz, perto de uma estrela perfumada.

— Onde está a luz? — perguntou o Peninha.

— A luz começa no teu coração — respondeu o casulo.

— A luz começa no meu coração — o Peninha repetiu muitas vezes, porque ficou sensibilizado.



— Entendi tudo — disse o Peninha. — Segue o teu voo para as alturas. Tenho ainda algumas coisas a fazer, antes de voar como uma borboleta livre do casulo.

Em seguida, ele foi se encontrar com as flores simples. Aquelas que por estarem longe do jardim, escaparam de serem cortadas. Ao procurá-lo, mesmo ao longe, pude ouvir os rumores de sua voz e perguntei com quem falava.

— Estava me despedindo das flores — respondeu com uma serenidade tão grande que me preocupou.

Então eu soube da história do casulo e do voo para as alturas.



— Era só o que me faltava! Agora estás conversando com casulos? — fui severo com ele, porque pressentia algo terrível. Queria protegê-lo, mas me sentia incapaz. Ele era como o vento, vinha não sei de onde e ia não sei para onde, eu não tinha o menor controle.

Capítulo XXIII

O voo para as alturas

Foi numa tarde fria que o vi pela última vez. Ele veio suavemente, eu o deixei a sós, cheirando os jasmineiros que ele tanto amava. Gostava de cheirá-los, talvez porque o céu tem o mesmo perfume do jasmim.

Quando percebi, ele tinha desaparecido novamente. Saiu pela mata em busca da borboleta, pois, pelo tempo, ela já tinha se libertado do casulo.

O Pássaro Negro o sondava e, quando o viu sozinho, transformou-se no mais venenoso dos escorpiões. Fabricou rapidamente um veneno suave, pois queria que desfalecesse aos poucos, só para vê-lo sofrer. Para enganá-lo, mentiu que era outro casulo.

— Olá, minha criança, sou uma espécie diferente de casulo, sou

poderoso, se me acariciares, posso te dar a luz e te fazer voar.

— Dos casulos saem borboletas e não vaga-lumes! Como podes me fazer voar, se tuas asas ainda não estão prontas? Como podes me dar a luz, se nem mesmo todas as estrelas do universo juntas poderiam me dar um só segundo de visão?



— Minha força não está nas asas, mas na minha magia. Acaricia-me que te levarei para um voo profundo.

— Como hei de tocar se não sei em que galho estás?

— Estenda as mãos, o resto deixa para eu fazer — e sorriu.

A tarde estava fria, por isso, ele não percebeu o frio do ser Treviso. Estendeu as mãozinhas e, o ser Treviso grudou no seu pulso como uma pulseira de cobre.

— Sinto um deslizar no meu braço — o Peninha falou. — É estranho porque um casulo não tem patas, nem anda.

Uma dor terrível o fez descobrir que não era um casulo, sentiu um fogo entrar pelas veias, aquecendo todos os músculos do seu corpo. Sentiu o coração em chamas.

— Está consumado! — falou o escorpião. — Logo dormirás.

Lentamente seu corpinho foi desfalecendo, perdeu a direção para se

guiar. Perdido, não sabia mais voltar.

No jardim, eu me angustiei. Outra vez ele havia sumido. Fui a sua procura, ao longe, o avistei a um passo de cair no mesmo abismo em que eu tinha o segurado poucos dias antes!



Corri o mais rápido que pude, faltou-me o ar! Não deu tempo... Eu o vi cair suavemente como uma pétala levada pelo vento. Atirei-me nas pedras, escorreguei pelos galhos e espinhos. A angústia foi tanta que não notei que fiquei muito ferido. No fundo do abismo, o apertei contra o peito, senti que ainda respirava.

— Sei que és um indígena, que sabes conversar com animais e flores, mas tens que parar com essas conversas...

Chorei ao vê-lo inconsciente. Em seguida ele voltou a si e balbuciou:

— Tens que entender. Quando uma borboleta está pronta, ela tem que sair do casulo e ir embora — seu rosto estava tão pálido. A única coisa que eu queria era poder salvá-lo. Após ter recuperado um pouco as forças me chocou com uma revelação:



— Eu sei que está quase pronto o jardim, só falta ligar a água da fonte, mas não queres mais voltar para tua casa.

— Como sabes? — senti um arrepio no peito.

— O coração sabe. Tua voz estava mais tensa nos últimos dias. Sei que demoravas mais do que devias porque não tens coragem de partir. Por isso

pensavas em ficar para sempre comigo. A decisão estava difícil, porque ninguém se sente preparado para partir.

Minhas lágrimas caíram tão estranhas, pareciam tão quentes. Ele deu um longo suspiro e continuou

— Cumpriste bem tua missão. Não preciso dos olhos para saber que o jardim ficou lindo, é por causa do teu amor.

Quando limpei seu braço, reconheci sinais de picadas, então, ele me advertiu sobre o perigo dos Trevosos. Pela palidez, eu via que ele não estava bem. Eu o apertava no meu peito para aquecê-lo, mas sentia seu corpinho gelando pouco a pouco.

— Levarei as sementes que me deste, são de flores simples, mas importantes. No universo há milhões e milhões de mundos desertos que adorariam receber estas sementes — ele segurou fortemente o pacotinho com as sementes.

Eu o tocava seguidamente, na esperança de sentir que estava se aquecendo. Eu não suportava a ideia de ver se fechar para sempre aqueles olhos que sorriam, ver emudecer aquela voz de melodias. Ele era o perfume que alegrava todas as flores, o brilho que dava sentido a todos os arrebóis, a alegria que dava sentido a todos os luares...

— Guarda teus sorrisos, não fales, não gastes tuas forças — queria poupá-lo para salvá-lo.

Ele apertou minha mão e me fez lembrar.

— Lembra-te do arrebol? Minha nova morada tem o brilho do arrebol mais brilhante, lá meus olhos brilharão e verão para sempre. De lá, o brilho dos meus olhos refletirá no arrebol da Terra. Toda vez que olhares para um arrebol, estarás olhando para os meus olhos.



— Tua casa é aqui! Não te deixarei ir! — eu o repreendi.
O Peninha pausou para descansar, depois, prosseguiu:

— Conversamos tanto e não aprendeste? Há muitas moradas no universo, eu apenas vou trocar de casa. Sabes que levarei as sementes que me deste, mas se não sabes para onde eu vou, tu olharás para o alto e verá as flores que plantei por todo o universo.

Muitas plantas espinhentas nos cobriam e eu o protegia com meus braços. Com a voz cada vez mais fraca, ele falou:

— Quando olhares para o céu, se estiveres com o coração puro, poderás decifrar a minha presença. Estarei em alguma nuvem e modelarei o meu sorriso para ti, e tu me reconhecerás e sorrirás também, porque saberás que eu estarei vivo.

Ele suspirou profundamente e deu um longo gemido. Depois de uma breve convulsão voltou a falar.

— Passamos pela vida, mas nunca pensamos na importância do amor, nosso coração só percebe na hora da separação. Serei como uma flor que passou em tua vida e que pelos ventos se desfolhou, mas tu amaste o meu perfume, por isso, todas as flores terão o meu perfume.

— Eu não quero que partas, vou te proteger até o fim.

— As borboletas ganham asas, é a recompensa delas pelo tempo que passam dentro do casulo. O casulo é como uma prisão. Eu também vou para o meu voo nas alturas, vou buscar a minha luz.

Os olhos dele se fecharam. Quando pensei que ele dormiu para sempre, voltou a falar:



— Tu acharás que morri, mas estarás totalmente enganado. Meu corpo será apenas um casulo abandonado, um casulo sem a borboleta não serve mais para nada. As borboletas são felizes, não querem mais voltar para dentro do casulo. Será lindo o meu voo para as alturas, pois terei a luz para sempre e a liberdade de voar.

Num impulso gritei muito alto, querendo proibir que ele partisse:

— FICA! Tens que ficar comigo!

— Compreendo mais as tuas lágrimas que as tuas palavras — ele disse — porque nem sempre as palavras que saem de nossa boca, conseguem expressar tudo o que temos no coração.

Ele já se soltava dos meus braços. Eu falava muito, tentando reanimá-lo:

— Quando amamos, sentimos necessidade de dizer mil palavras, porém, todas elas são pobres para dizer a intensidade do amor.

— Aprendeste bem os segredos do coração — o Peninha disse — quando deres uma simples flor, jamais terás uma pedra no coração.

Emudeci! Há tanta tristeza quando não sabemos o que dizer, quando não temos o que fazer... mas quando tudo sentimos.

Depois de uma longa pausa, ele murmurou.

— Por minha causa, teu trabalho será muito mais difícil, pois os teus jardins passarão a ter flores simples e muitos te chamarão de louco, e tu terás que lhes ensinar que a beleza das coisas está na simplicidade do coração.

Conforme eu me lembrava de todas as coisas que ficaram para trás, descobri que eu só realmente vivi, quando fiz as coisas com amor.

Ele deu um delicioso sorriso quando falou da Fadinha.

— Eu amo uma Fadinha que perdeu a força de voar. Ela não tinha coragem de sentir o sabor do coração, e eu a ensinei a ter coragem, mas ela ainda precisa de mim para voltar a voar. Estive tanto tempo contigo neste jardim e avançaste o teu coração, já podes seguir sozinho.

Estas foram suas últimas palavras quando esteve comigo na Terra:

— Sempre procura ver a luz do céu com teu coração, porque, às vezes, os olhos perfeitos do corpo são os que menos enxergam. O tempo não para, só o amor faz parar o tempo.

Fechou os olhos, deu um suave suspiro. Seu corpinho amoleceu nos meus braços... Sorriu!... Dormiu!...

Capítulo XXIV **O Peninha nas Alturas**

Subir o penhasco com o Peninha nos braços me deixou exausto, porque tive muitos ferimentos.

Ao vê-lo imóvel e gelado, eu podia sentir a dor dele dentro do meu próprio peito, pois o amor é como uma só alma habitando em dois corpos.

Cada passo era uma imensidade. Quando terminei de subir, deitei-me na relva ao seu lado para chorar, pois a tristeza era muito grande.



Não sei se dormi ou desmaiei, só sei que quando despertei, eu me vi sozinho dentro de um estranho túnel iluminado. Comecei a andar em direção da luz, porque em todos os túneis, pelo menos uma das direções leva à luz.

Quando me aproximei, meu corpo ficou mais leve e comecei a flutuar. Não pude resistir, fui levado para a luz.



A luz se intensificou, até que me obrigou a fechar os olhos.

— Que lugar é este? Tem alguém aqui? — não entendia o que estava acontecendo, não sabia como fui parar ali, nem como voltar.

Progressivamente meu pânico foi sumindo porque aos poucos, senti um delicioso perfume de flores. Meus olhos foram se acostumando com a luz e por fim, consegui identificar alguma coisa. Reconheci que estava diante da escada de Sofia.



Caí em prantos, porque me lembrei do Peninha. Em seguida, ouvi uma voz amável que se dirigiu a mim:

— Se perdeste uma flor, não chores, para que tuas lágrimas não ofusquem o jardim inteiro.

Olhei, mas uma luz intensa voltou a ofuscar meus olhos, só vi dois vultos. Pelo brilho descobri que era um Ser de Luz, juntamente com Sofia.

— Não temas a luz — primeiro ouvi Sofia.

Temi que mandasse subir a escada perigosa, não me sentia preparado para subir um só degrau.

— Olha para o alto da escada! — o Ser de Luz me pediu. Acredito seriamente que era o Amigo Brilhante do Peninha.



Eu desejei tanto ver as coisas do alto, no entanto, descobri que não estava preparado para suportar as visões. Mas não pude fugir, mesmo com medo, tive que olhar para o alto.

— Concentra-te para que possas enxergar! O que vês? — perguntou o Amigo Brilhante.

— Vejo duas estrelinhas que brincam nos últimos degraus. Sobem e descem sorrindo, sem medo de cair.

— Concentra-te mais! Decifra quem são as estrelinhas — insistiu o Amigo Brilhante.

Por mais que me esforçasse, apenas via estrelinhas distantes.

O Amigo Brilhante teve piedade de mim e falou:

— Não consegues suportar a luz, porque teus olhos estão totalmente contaminados com a poeira suja da terra, lavarei com as águas perfumadas da fonte eterna, então olharás novamente.

Depois de lavados, pude olhar melhor para cima. Meus olhos brilharam de felicidade, reconheci que as estrelinhas eram o meu anjinho Peninha e a Fadinha. Desciam e subiam sem medo, brincando como num escorregador, pois crianças não têm medo de escorregadores.

Não resisti e chorei, gritei ao alto:

— Meu anjinho! Estás vivo. Tu és uma borboleta livre.

— Não chores — falou o Amigo Brilhante. — Ninguém chora quando vê uma borboleta livre do casulo, mas todos amam vê-las livres com suas asas coloridas. Olha para a escada de Sofia, vê que o Peninha a venceu, sobe e desce sem medo, por isso, ganhou para sempre a luz dos seus olhos.

Descobri naquele momento que todas as riquezas do mundo, não valem uma só lágrima de felicidade.

— Para onde ele vai? — estremei, lembrei que ele não mais voltaria para o jardim.

— A sua nova morada está na ponta da escada de Sofia — o Amigo Brilhante respondeu.

Eu me deliciava olhando o Peninha e a Fadinha a voar e sorrir.

Sem que eu pudesse fazer nada, vi que os dois terminaram de subir a escada até desaparecerem nas alturas.

— Quero ir com o Peninha — supliquei.

O Amigo Brilhante olhou para mim e recomendou:



— Voltarás para tua casa, ainda não está na hora do teu voo para as alturas. Prepara-te, porque a escada de Sofia é terrível, estará te esperando com todos os seus perigos. Quando a venceres, terás a tua recompensa.

Depois o Amigo Brilhante e Sofia subiram rapidíssimos pela escada, desaparecendo.

Aquela luz maravilhosa foi se apagando, o perfume sumindo e me vi novamente dentro do túnel voltando para casa. De repente, tudo desapareceu, tudo ficou escuro.

Capítulo XXV O Despertar na Relva



Quando acordei, estava deitado sozinho na relva.

— Peninha!... Minha amada criança!... — gritei desesperadamente. Chamei muitas vezes. Momentaneamente tinha me esquecido que ele sumiu na escada de Sofia. Procurei seu corpo, mas não havia nenhum corpo de

criança ao meu lado.

Fiquei longo tempo deitado na relva olhando para o céu, meus olhos insistiam em derramar lágrimas.

Só depois de muitas horas consegui me acalmar um pouco, então, pude sentir com mais clareza que meu braço queimava. Observei que em meu pulso tinha um sinal de mordida de algum bicho venenoso, mas não houve veneno bastante para me matar, apenas me causou um desmaio e um delírio.



Eu sei que o Peninha não foi apenas um delírio por causa do veneno, pois quando olho para as nuvens, consigo identificar perfeitamente os seus sorrisos, seus brinquedos, suas flores...

Qualquer criança poderá reconhecê-lo quando ele estiver em alguma nuvem, bastará observar se irá aparecer algum bichinho, alguma flor, um brinquedo... Se alguma destas coisas aparecer, tenham certeza, é o Peninha quem está modelando, ele está vivo num plano mais alto.

Eu sei que ele está vivo nas alturas, porque todas as tardes eu olho para o arrebol e vejo a luz dos seus olhos.

Mesmo que alguém pense que foi efeito do veneno, não acredito, pois a prova de que ele existiu, está no céu.

Quando a saudade me aperta o peito, olho para cima e vejo nas nuvens alguma coisa que ele está modelando, então, eu ouço ele dizer dentro

do meu coração: eu te amo! E eu respondo: eu também te amo! Em cada estrela, em muitos planetas, sei que ele realizou para mim o meu antigo sonho de criança, fez lindos canteiros com as sementes das flores simples que eu lhe dei.



Mas uma coisa me preocupa: quando dei a ele as sementes de flores simples, as colhi irritado, ele sempre se preocupou com a má semente.

O problema é se estiverem contaminadas com algumas sementes de plantas venenosas ou de ervas daninhas, ele as plantará por todo o universo pensando serem apenas de flores simples, então serei culpado por contaminar o universo inteiro.

Às vezes, eu me entristeço. "Um só ato mau já é o suficiente para contaminar o universo inteiro! Se não reconhecermos uma semente má, logo vem uma planta má, depois outra, até que tomam conta de tudo e todas as estrelas se contaminam."

Mas uma coisa me acalma. Se o Peninha conseguiu a luz para os seus olhos, certamente, antes de plantar, enxergará se há alguma semente contaminada.

Tenho certeza que não foi apenas um delírio, por causa do meu amor por ele, e ninguém ama quem não existe de verdade.

Eu peço às crianças:

— Olhem para o céu. Se tiverem com o coração puro, verão facilmente muitas coisas que o Peninha está modelando. Quando conseguirem identificá-lo, fiquem felizes.

Ele foi embora, mas nunca tive coragem de perguntar se ele era o meu irmão. Hoje isso não faz diferença, porque descobri que era realmente o meu irmão, mas também irmão de todas as crianças.

Fim